



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V.7 - SAFRA 2019/20 - N.10 - Décimo levantamento | **JULHO 2020**



Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias

Diretor - Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Guilherme Soria Bastos Filho

Diretor - Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Bruno Scalon Cordeiro

Diretor - Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Cláudio Rangel Pinheiro

Diretor - Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização (Diafi)

José Ferreira da Costa Neto

Diretor - Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sérgio de Zen

Superintendente de Informações do Agronegócio (Suinf)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Candice Mello Romero Santos

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Carlos Eduardo Gomes de Oliveira

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Jeferson Alves de Aguiar

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Leticia Bandeira Araújo (estagiária)

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Andrezza Lima Coelho Cardoso (estagiária)

Carlos Eduardo Meireles de Oliveira (estagiário)

Davi de Paula Granato Valin (estagiário)

Fernando Arthur Santos Lima

Giuseppe Fernandes Martins Cortizo (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Rafaela dos Santos Souza

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Thiago Lima de Oliveira (menor aprendiz)

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 7 - SAFRA 2019/20- N. 10 - Décimo levantamento | **JULHO 2020**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 7 - Safra 2019/20 - Décimo levantamento, Brasília, p. 1-74, julho 2020.

Copyright 2020 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão); Mozar de Araújo Salvador (Inmet); Leonardo Amazonas (Gerpa-soja); Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho); Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão); Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz); Flávia Machado Starling Soares (Gerpa - trigo).

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônovan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio de Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Getúlio Moreno, Marcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Pedro Ramon Manhona, Raul Pio de Azevedo, Cícero Cordeiro, Benancil França, Edson Piedade, Humberto Kothe, Patrícia Leite, Rodrigo Słomoszynski, Rafael Arruda (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Francisco Dantas de Almeida Filho, Rosângela Maria da Silva (PE); Allan Salgado, Charles Erig, Daniela Freitas, Jefferson Raspante, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça (PR); Hélcio de Melo Freitas, Thiago Pires de Lima Miranda, Antonio Cleiton Vieira da Silva, Edgard Sousa Sobrinho (PI); Ana Paula Pereira de Lima; Cláudio Chagas Figueiredo; Olavo Franco de Godoy Neto (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luís Girardi (RS); Cezar Augusto Rubin, Luana Schneider, Marcelo Siste Campos, Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli (SP); Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Marco Antonio Garcia Martins Chaves, Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondonia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agropecuária do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruralins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretária de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bônco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do rio de Janeiro (Emater/RJ); Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac) / Gerência de Eventos e Promoção Institucional

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Marília Malheiro Yamashita

Fotos

Início: Lavoura de algodão em Cristalina - GO (Fabiano) - Final: Lavoura de trigo em Caarapó - Sureg/MS

Normalização

Thelma das Graças Fernandes Souza – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad) / Gerência de Protocolo, Arquivos e Telecomunicações (Gepat)

Colaboração na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1 (045)
C7176

Companhia Nacional de Abastecimento
Acompanhamento de preços brasileiros de grãos - v. 1, n. 1 (2019) - Brasília : Conab, 2019.
1.

Área 1

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Isolado numeração a partir de 09/1/2019. Continuação de: Méis. Agricultura (1977-1991); Previsão e acompanhamento de preços (1992-1994); Previsão de safras agrícolas (1995-2000); Previsão e acompanhamento de safras (2001); Acompanhamento de safras (2002-2007); Acompanhamento de safras locais: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

v. 1, nº 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

SUMÁRIO



1. Resumo executivo	8
----------------------------------	----------



2. Introdução	10
----------------------------	-----------



3. Estimativa de área, produtividade e produção	11
--------------------------------------------------------------	-----------



4. Análise climática - Inmet	19
-------------------------------------------	-----------



5. Mapeamento do arroz irrigado	24
----------------------------------------------	-----------



6. Análise das culturas	29
--------------------------------------	-----------

6.1. Culturas de verão	29
------------------------------	----

6.1.1. Algodão	29
----------------------	----

6.1.2. Amendoim	33
-----------------------	----

6.1.3. Arroz	34
--------------------	----

6.1.4. Feijão	36
---------------------	----

6.1.5. Gergelim	43
-----------------------	----

6.1.6. Girassol	44
-----------------------	----

6.1.7. Mamona	45
---------------------	----

6.1.8. Milho	45
--------------------	----

6.1.9. Soja	51
-------------------	----

6.1.10. Sorgo	55
---------------------	----

6.2. Culturas de inverno-----	57
6.2.1. Aveia-----	57
6.2.2. Canola-----	58
6.2.3. Centeio-----	58
6.2.4. Cevada-----	58
6.2.5. Trigo-----	59
6.2.6. Triticale-----	60



7. Balanço de oferta e demanda ----- 61

7.1. Algodão-----	61
7.2. Arroz-----	62
7.3. Feijão-----	62
7.4. Milho-----	63
7.5. Soja-----	63
7.6. Trigo-----	64



8. Calendário agrícola de plantio e colheita ----- 66





1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRA 2019/20

A previsão para a safra 2019/20 vem confirmando as expectativas iniciais de crescimento, estabelecendo mais um recorde. Estimada em 251,4 milhões de toneladas, 3,9% ou 9,3 milhões de toneladas superior ao colhido em 2018/19.

Com área das culturas de primeira safra totalmente colhida, e as de segunda com a colheita avançada, ainda depende da conclusão do plantio das culturas de inverno e do comportamento climático, que podem influenciar na produtividade dessas culturas.

Para a obtenção desse resultado, ainda passível de alteração, a área semeada totaliza 65,8 milhões de hectares, o que representa um crescimento de 4% ou 2,53 milhões de hectares sobre a safra passada.

Algodão: produção estimada em 2,89 milhões de toneladas de pluma, 4% superior à safra passada. As condições climáticas vêm favorecendo o bom desenvolvimento das lavouras. A colheita já foi iniciada, finalizando-se em setembro.

Arroz: produção estimada em 11,2 milhões de toneladas, 6,5% superior ao produzido na safra passada. Dessas, 10,3 milhões de toneladas em áreas de cultivo irrigado e 0,9 milhão de toneladas em áreas de plantio de sequeiro.

Feijão segunda safra: produção estimada em 1,25 milhão de toneladas, redução de 3,5% em relação à safra anterior. Colheita finalizando.

Feijão terceira safra: área estimada em 578,4 mil hectares,

redução de 0,4% sobre a safra passada, e crescimento de 8,9% na produção.

Feijão total: produção de 3,16 milhões de toneladas, 4,6% superior ao obtido em 2018/19. Dessa produção, 1.929,4 mil toneladas são de feijão-comum cores, 718,2 mil toneladas de feijão-caupi e 509 mil toneladas de feijão-comum preto.

Milho primeira safra: produção de 25,6 milhões de toneladas, 0,3% inferior à safra passada. Colheita praticamente encerrada.

Milho segunda safra: produção recorde, estimada em 73,5 milhões de toneladas, crescimento de 0,5% sobre a produção de 2018/19. Colheita em andamento.

Milho terceira safra: plantios em maio e junho na região de Sealba (Sergipe, Alagoas, nordeste da Bahia), Pernambuco e Roraima. Área estimada em 519,8 mil hectares, e produção em 1,46 milhão de toneladas.

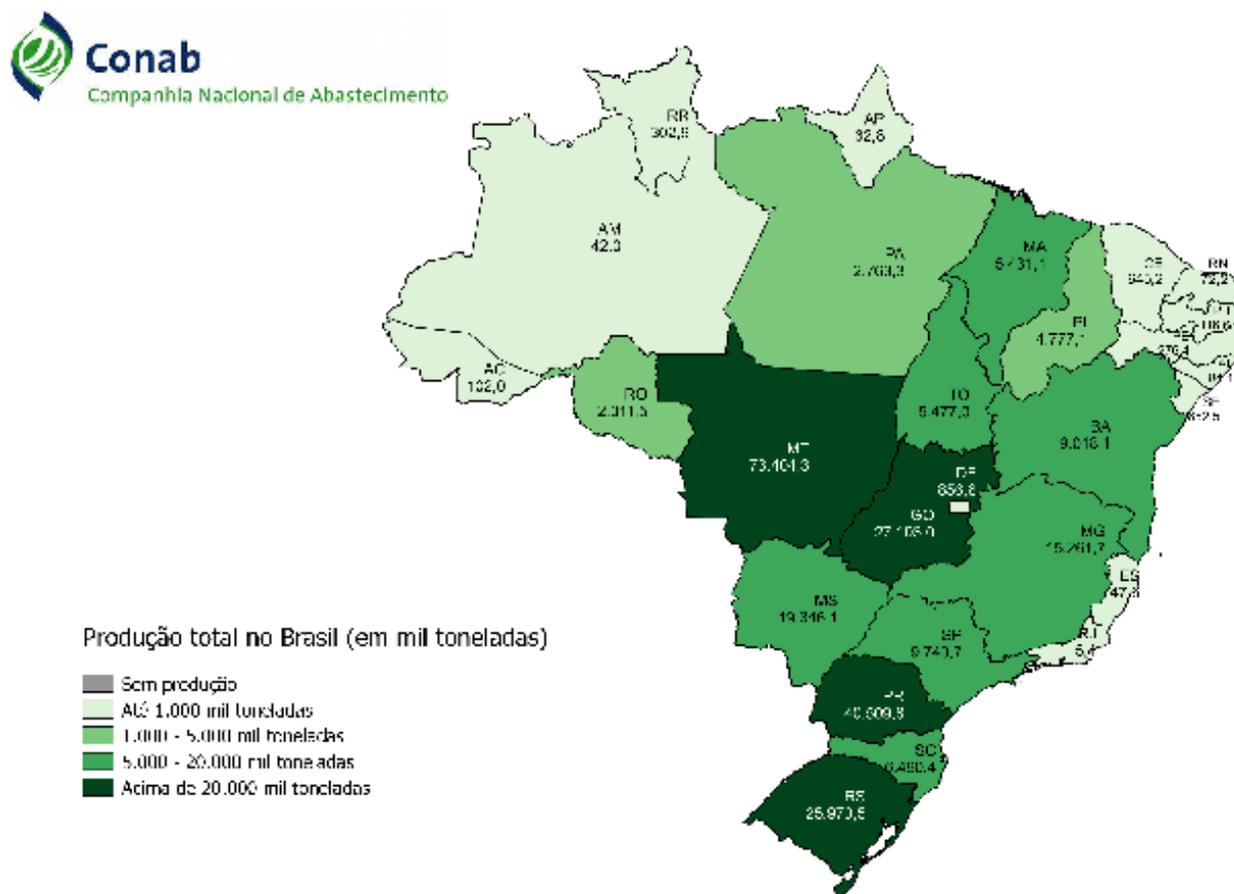
Milho total: a estimativa nacional de plantio do milho, considerando a primeira, segunda e terceira safras, na temporada 2019/20, deverá apresentar uma área de 18,4 milhões hectares, e uma produção recorde, de 100,6 milhões de toneladas.

Soja: produção recorde estimada em 120,9 milhões de toneladas, ganho de 5,1% em relação à safra 2018/19. Colheita finalizada.

Safra inverno 2020

Aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale: plantio em andamento. Estima-se crescimento de 11,8% na área a ser plantada. Destaque para o trigo, que apresenta expressivo crescimento na área em 13,7%, situando-se em 2,32 milhões de hectares, e a produção, dependendo do comportamento climático, em 6,3 milhões de toneladas.

Figura 1 - Produção total no Brasil (em mil toneladas)





2. INTRODUÇÃO

A Conab tem, dentre as suas atribuições, a tarefa de levantar, consolidar e divulgar, após meticolosa análise, as informações referentes ao tamanho da safra agrícola brasileira, com periodicidade mensal, obedecendo a um calendário previamente divulgado para a sociedade.

As ações estabelecidas pela empresa para o levantamento das safras continuam em linha com as determinações federais de combate à pandemia do coronavírus, que destacam, entre outras medidas, a necessidade do isolamento como forma de atenuar os impactos na saúde das pessoas. Essas medidas de combate obrigaram a empresa a fazer adequações na sua rotina, procedendo a suspensão de viagens, contatos presenciais, visitas às lavouras etc. e, em ato contínuo, instruiu as diversas dependências da empresa a intensificar o uso das ferramentas de tecnologia disponível e reforçar as parcerias, de maneira a não comprometer a qualidade dos serviços.

Esse trabalho é realizado utilizando, além de ferramentas de geotecnologia, cerca de 80 técnicos das superintendências regionais, distribuídas em todos os estados, que se deslocam para as zonas produtoras e contatam aproximadamente 900 informantes cadastrados, que formam a base da pesquisa. Essa é a estrutura montada pela empresa para elaborar uma ação que hoje se tornou referência internacional na produção de estatísticas para o agronegócio brasileiro.

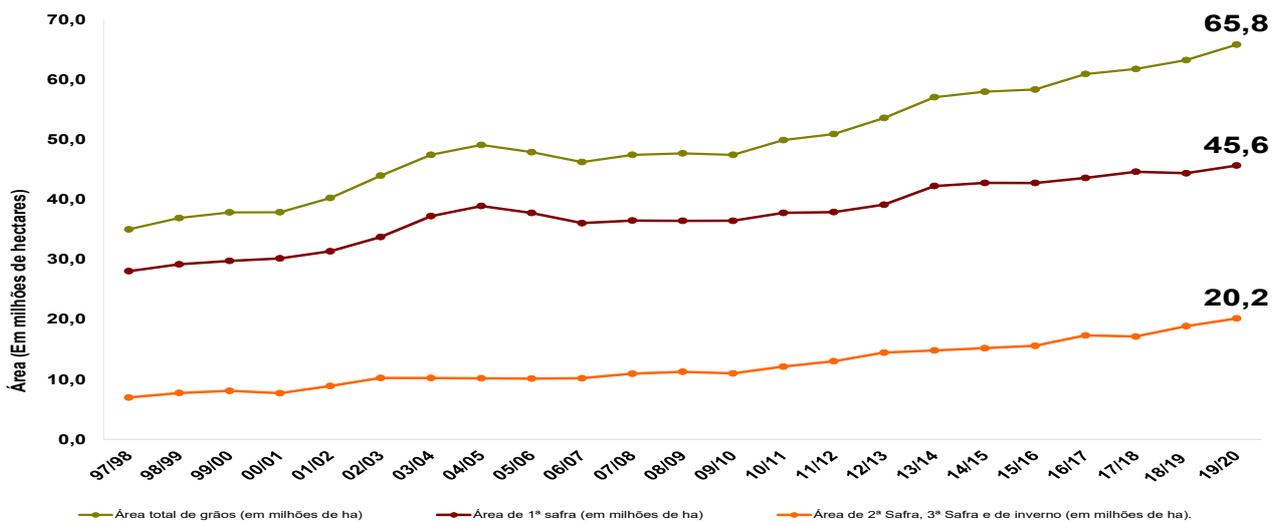


3. ESTIMATIVA DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO

Finalizando a semeadura das culturas de terceira safra e também das culturas de inverno, sobretudo na Região Sul, a área plantada, nesta safra, está estimada em 65.789,5 mil hectares, representando um incremento de 4% em comparação à safra passada, influenciada principalmente pelo crescimento das áreas de soja, milho, algodão e trigo.

Merece destaque, neste levantamento, a atualização das áreas de arroz irrigado em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. A Conab, juntamente com a Agência Nacional das Águas (ANA), Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri) e o Instituto Rio-grandense do Arroz (Irga), concluíram o mapeamento dessas áreas e disponibilizará ao público os resultados desse importante trabalho.

Gráfico 1 – Brasil - Comportamento da área cultivada



Fonte: Conab.

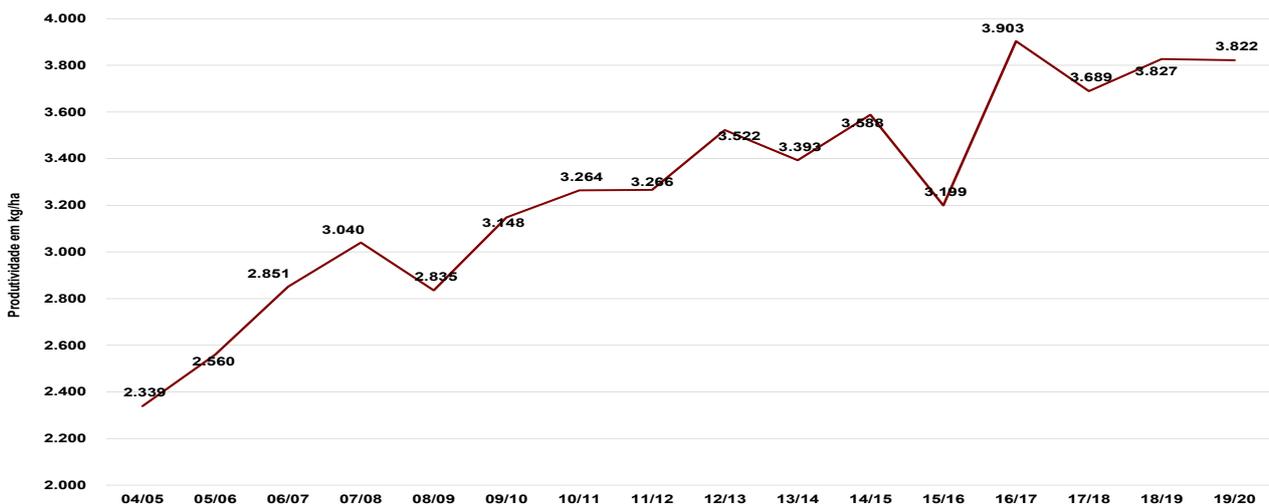
As culturas de primeira safra ocuparam uma área de 45,6 milhões de hectares, enquanto as de segunda e terceira safras e as de inverno são cultivadas em 20,2 milhões de hectares, a maior parte aproveitando áreas já cultivadas.

Nesta temporada, apesar do atraso das chuvas no início da safra, as culturas de primeira safra apresentaram melhores respostas às condições climáticas, e, de maneira geral, rendimentos superiores aos da safra passada. As lavouras de soja e arroz apresentaram bom desempenho e, com a colheita finalizada, constata-se produtividades superiores aos da temporada anterior.

Para as culturas de segunda safra, a menor janela de plantio, resultante do atraso da semeadura das culturas de primeira safra, influenciou no rendimento das lavouras. O milho e o feijão semeados nessa época foram os principais produtos prejudicados, sobretudo no Paraná, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Goiás.

A expectativa fica por conta das culturas de inverno e as lavouras de terceira safra, sobretudo as da Sealba. Na Região Centro-Oeste, boa parte dessas áreas é irrigada, mitigando riscos climáticos.

Gráfico 2 – Comportamento da produtividade – Total Brasil



Fonte: Conab.

Dessa forma, as estimativas de aumento de área das principais culturas e o bom rendimento das lavouras de soja, algodão e arroz explicam a produção de 251,4 milhões de toneladas de grãos na atual temporada, apresentando va-

riação positiva de 3,9% em relação à safra anterior, equivalendo a um aumento absoluto de 9,3 milhões de toneladas.



3.1. ALGODÃO

Durante a semana do levantamento, a colheita atingia cerca de 9% da área, estimada em 1.668,4 mil hectares, incremento de 3,1% em relação à área cultivada na safra passada. As condições climáticas foram favoráveis, e a cultura apresenta bom desenvolvimento.

Em Mato Grosso, a colheita já iniciou e contabiliza 2,7% até o encerramento de junho. A tendência é que o ritmo dos trabalhos ganhe força a partir da segunda quinzena de julho. As lavouras se encontram em fase de maturação e têm apresentado bom desenvolvimento, com boas con-

3.2. ARROZ

A produção nesta safra é estimada em 11,2 milhões de toneladas, representando aumento de 6,5% em relação à safra passada. A área plantada sofreu redução de 2,2%, como vem acontecendo nas últimas safras. Apesar da redução da área cultivada nos últimos anos, a proporção do plantio de arroz irrigado gera uma maior produtividade, o que vem permitindo a manutenção da produção ajustada ao consumo nacional.

A colheita está praticamente finalizada, restando algumas

3.3. FEIJÃO

Esta é a cultura de ciclo curto, que possibilita o plantio em até três momentos durante a temporada. Na primeira safra deste ano, a área foi estimada em 926,4 mil hectares, crescimento de 0,4% em relação à safra passada. O bom desempenho do clima nos principais estados produtores contribuiu para que a produção atingisse 1.109,1 mil toneladas, 12,1% acima do produzido na última safra.

O feijão segunda safra, com área plantada estimada em 1.424,5 mil hectares, representando 0,4% a mais de área semeada que na safra passada, teve o rendimento, sobretudo do comum cores e comum preto, afetado pelas condições climáticas adversas. A produção prevista é de 1.254,6

3.4. MILHO

A estimativa de produção nacional de milho, considerando as três safras na temporada 2019/20, está previsto atingir 100,6 milhões de toneladas, representando um acréscimo de 0,5% em relação ao exercício anterior.

A área de milho primeira safra na temporada 2019/20 atingiu 4,2 milhões de hectares, 3,1% maior que a área cultivada na última safra. Problemas climáticos na Região Sul prejudicaram o potencial produtivo das lavouras, sobretudo as do Rio Grande do Sul, reduzindo a produtividade média do país em 3,2%, comparado à safra passada. A colheita está praticamente encerrada, faltando alguns estados da Região Nordeste.

dições fitossanitárias. Com o pleno desenvolvimento das maçãs, o rendimento médio tende a superar o registrado no ciclo passado

Na Bahia, as lavouras não sofreram com problemas climáticos. O veranico de dezembro não causou danos, e as chuvas bem distribuídas têm gerado ótimas condições de desenvolvimento aos algodoeiros. A colheita já foi iniciada, atingindo 10% da área total, que deve se estender até setembro.

áreas irrigadas na Região Norte e em áreas irrigadas e de várzea no delta do Rio São Francisco.

No Rio Grande do Sul, maior produtor de arroz do país, apesar dos problemas ocorridos no momento da semeadura, com o excesso de chuvas, as condições climáticas verificadas durante o restante do ciclo da cultura permitiram uma ótima safra em praticamente todo o estado.

mil toneladas e redução de 3,5%, comparada com o ocorrido no exercício passado.

A terceira safra está estimada atingir 578,4 mil hectares. A maior parte do cultivo é realizado no Nordeste, enquanto o Centro-Sul do país deverá obter a maior produção em razão da elevada tecnologia de produção. A estimativa é de uma boa produção nesta safra, estimada em 792,8 mil toneladas, aumento de 8,9% em relação à safra passada. A colheita já foi iniciada em Goiás.

O quadro climático apresentado na Região Centro-Sul frustrou a segunda safra de milho, pois, com exceção de algumas regiões, as lavouras não conseguiram expressar todo o seu potencial produtivo. Apesar do rendimento prejudicado, a produção deve ser 0,5% maior que a da última safra, compensado pelo incremento na área plantada em 6,3%. As lavouras se apresentam majoritariamente em maturação, com cerca de 25% colhidas.

A terceira safra de milho, caracterizada por apresentar um calendário produtivo semelhante ao do hemisfério norte, tem a produção estimada em 1.459,1 mil toneladas. Ten-



do como núcleo as lavouras da Sealba, que compreende as áreas produtoras situadas no nordeste da Bahia, Sergipe e Alagoas, e as situadas em Pernambuco e em Roraima, apresentam área semelhante à da safra passada, com leve incremento de 1,7%.

Em Sergipe, a área foi totalmente semeada, e a maior parte se encontra em estágio de desenvolvimento vegetativo. As

chuvas estão ocorrendo de forma bem distribuída, favorecendo o desenvolvimento das lavouras.

No nordeste da Bahia, cerca de 76% da produção de milho terceira safra é produzida com a utilização de elevado aporte tecnológico e essa produção é destinada à produção de proteína animal (aves e suínos) da Bahia e demais estados da Região Nordeste.

3.5. SOJA

Com a colheita da soja finalizada nas principais regiões produtoras, restando 0,1% da produção estimada a acontecer em Roraima e Alagoas, a estimativa é que o país produza 120,9 milhões de toneladas, recorde histórico, representando um acréscimo de 5,1% em relação ao exercício passado. Apesar do forte impacto

causado pelo desempenho da safra no Rio Grande do Sul, essa foi a terceira maior produtividade média registrada no país, com destaque para as produtividades recordes em Mato Grosso, Paraná, Goiás, São Paulo, Tocantins, Maranhão, Rondônia e Distrito Federal.

3.6. TRIGO

O trigo é a principal cultura de inverno no país. Nesta safra, a estimativa é que haja um incremento de área de 13,7%, quando comparado à safra passada, em razão dos preços atrativos e do comportamento do clima, que incentivam o cultivo no Sul do país, resultando em uma produção de 6,3 milhões de toneladas. A produtividade deve ser maior que na última safra, sobretudo pela recuperação do rendimento no Paraná, principal estado produtor.

As estimativas para o trigo seguem otimistas. As lavouras cultivadas em regime de sequeiro na Região

Centro-Oeste, diferentemente do ocorrido na safra passada, em que houve forte pressão de Brusone, devem resultar em um melhor rendimento. As lavouras irrigadas seguem em boas condições.

Na Região Sul, depois de enfrentar uma expressiva redução nas safras de soja e milho, a área deve aumentar 15,5% em comparação à safra passada. A passagem do ciclone bomba no final de junho, de maneira geral, não trouxe prejuízos às lavouras, por estarem em fase inicial de desenvolvimento.



Tabela 1 – Estimativa de área plantada de grãos

(Em 1.000 ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2018/19 (a)	2019/20		Percentual		Absoluta	
		jun/2020 (b)	jul/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO	1.618,2	1.670,7	1.668,4	(0,1)	3,1	(2,3)	50,2
AMENDOIM TOTAL	146,8	160,4	160,5	0,1	9,3	0,1	13,7
AMENDOIM 1ª SAFRA	139,8	153,3	153,3	-	9,7	-	13,5
AMENDOIM 2ª SAFRA	7,0	7,1	7,2	1,4	2,9	0,1	0,2
ARROZ	1.702,5	1.657,1	1.665,5	0,5	(2,2)	8,4	(37,0)
ARROZ SEQUEIRO	346,6	370,0	366,8	(0,9)	5,8	(3,2)	20,2
ARROZ IRRIGADO	1.355,9	1.287,1	1.298,7	0,9	(4,2)	11,6	(57,2)
FEIJÃO TOTAL	2.922,2	2.927,5	2.929,3	0,1	0,2	1,8	7,1
FEIJÃO TOTAL CORES	1.311,6	1.284,6	1.289,4	0,4	(1,7)	4,8	(22,2)
FEIJÃO TOTAL PRETO	334,4	331,0	333,7	0,8	(0,2)	2,7	(0,7)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.276,2	1.311,9	1.306,2	(0,4)	2,4	(5,7)	30,0
FEIJÃO 1ª SAFRA	922,6	926,5	926,4	-	0,4	(0,1)	3,8
CORES	376,2	375,9	375,8	-	(0,1)	(0,1)	(0,4)
PRETO	169,8	163,1	163,1	-	(3,9)	-	(6,7)
CAUPI	376,6	387,5	387,5	-	2,9	-	10,9
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.418,6	1.425,9	1.424,5	(0,1)	0,4	(1,4)	5,9
CORES	442,2	407,7	408,4	0,2	(7,6)	0,7	(33,8)
PRETO	153,5	156,8	159,5	1,7	3,9	2,7	6,0
CAUPI	811,2	861,4	856,6	(0,6)	5,6	(4,8)	45,4
FEIJÃO 3ª SAFRA	581,0	575,1	578,4	0,6	(0,4)	3,3	(2,6)
CORES	493,2	501,0	505,2	0,8	2,4	4,2	12,0
PRETO	11,1	11,1	11,1	-	-	-	-
CAUPI	76,7	63,0	62,1	(1,4)	(19,0)	(0,9)	(14,6)
GERGELIM	53,0	160,0	160,0	-	201,9	-	107,0
GIRASSOL	62,8	47,3	47,1	(0,4)	(25,0)	(0,2)	(15,7)
MAMONA	46,6	45,5	45,6	0,2	(2,1)	0,1	(1,0)
MILHO TOTAL	17.492,9	18.476,3	18.439,9	(0,2)	5,4	(36,4)	947,0
MILHO 1ª SAFRA	4.103,9	4.222,4	4.229,4	0,2	3,1	7,0	125,5
MILHO 2ª SAFRA	12.878,0	13.732,8	13.690,8	(0,3)	6,3	(42,0)	812,8
MILHO 3ª SAFRA	511,0	519,8	519,8	-	1,7	-	8,8
SOJA	35.874,0	36.843,6	36.944,9	0,3	3,0	101,3	1.070,9
SORGO	732,3	817,9	808,7	(1,1)	10,4	(9,2)	76,4
SUBTOTAL	60.651,3	62.805,0	62.870,0	0,1	3,7	65,0	2.218,7
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2019 (a)	2020		Percentual		Absoluta	
		jun/2020 (b)	jul/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
AVEIA	398,0	399,2	432,0	8,2	8,5	32,8	34,0
CANOLA	34,0	33,5	35,1	4,8	3,2	1,6	1,1
CENTEIO	4,0	4,7	4,7	-	17,5	-	0,7
CEVADA	118,8	122,8	112,7	(8,2)	(5,1)	(10,1)	(6,1)
TRIGO	2.040,5	2.177,7	2.319,4	6,5	13,7	141,7	278,9
TRITICALE	15,6	15,6	15,6	-	-	-	-
SUBTOTAL	2.610,9	2.753,5	2.919,5	6,0	11,8	166,0	308,6
BRASIL	63.262,2	65.558,5	65.789,5	0,4	4,0	231,0	2.527,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2020.



Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2018/19 (a)	2019/20		Percentual		Absoluta	
		jun/2020 (b)	jul/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.575	2.589	2.598	0,3	0,9	8,4	23,0
ALGODÃO EM PLUMA	1.717	1.727	1.733	0,3	0,9	5,5	15,5
AMENDOIM TOTAL	2.962	3.482	3.474	(0,2)	17,3	(8,3)	512,1
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.021	3.554	3.554	-	17,6	0,0	533,2
AMENDOIM 2ª SAFRA	1.775	1.924	1.760	(8,5)	(0,8)	(163,6)	(14,5)
ARROZ	6.158	6.714	6.706	(0,1)	8,9	(8,6)	548,0
ARROZ SEQUEIRO	2.354	2.441	2.435	(0,3)	3,4	(6,5)	80,5
ARROZ IRRIGADO	7.130	7.943	7.912	(0,4)	11,0	(30,7)	782,0
FEIJÃO TOTAL	1.033	1.050	1.077	2,6	4,3	27,4	44,7
FEIJÃO TOTAL CORES	1.439	1.451	1.496	3,1	4,0	44,9	56,9
FEIJÃO TOTAL PRETO	1.476	1.537	1.525	(0,8)	3,3	(11,8)	48,7
FEIJÃO TOTAL CAUPI	499	534	550	2,9	10,2	15,4	51,1
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.072	1.197	1.197	-	11,6	0,1	124,6
CORES	1.498	1.612	1.613	-	7,7	0,3	114,7
PRETO	1.513	1.922	1.922	-	27,0	0,0	409,0
CAUPI	448	488	488	-	9,0	0,0	40,2
FEIJÃO 2ª SAFRA	917	867	881	1,6	(3,9)	13,5	(36,2)
CORES	1.474	1.404	1.406	0,2	(4,6)	2,3	(67,9)
PRETO	1.491	1.199	1.176	(1,9)	(21,1)	(23,0)	(314,9)
CAUPI	518	553	575	4,0	11,1	22,3	57,4
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.253	1.267	1.371	8,2	9,4	103,9	117,8
CORES	1.363	1.369	1.482	8,3	8,7	113,3	118,9
PRETO	702	640	697	9,0	(0,7)	57,6	(4,9)
CAUPI	623	566	585	3,3	(6,2)	18,4	(38,6)
GERGELIM	780	797	797	-	2,2	-	17,1
GIRASSOL	1.669	1.595	1.594	-	(4,5)	(0,7)	(74,9)
MAMONA	658	725	725	(0,1)	10,2	(0,6)	67,0
MILHO TOTAL	5.719	5.466	5.453	(0,2)	(4,6)	(13,1)	(265,7)
MILHO 1ª SAFRA	6.249	6.022	6.047	0,4	(3,2)	24,3	(202,5)
MILHO 2ª SAFRA	5.682	5.406	5.370	(0,6)	(5,5)	(35,0)	(311,9)
MILHO 3ª SAFRA	2.385	2.560	2.807	9,6	17,7	246,7	422,2
SOJA	3.206	3.269	3.272	0,1	2,0	3,5	65,5
SORGO	2.973	3.319	3.254	(2,0)	9,4	(65,8)	280,6
SUBTOTAL	3.883	3.876	3.873	(0,1)	(0,3)	(3,0)	(10,0)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2019 (a)	2020		Percentual		Absoluta	
		jun/2020 (b)	jul/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
AVEIA	2.209	2.258	2.507	11,0	13,5	249,0	298,0
CANOLA	1.429	1.421	1.581	11,3	10,6	160,0	152,0
CENTEIO	2.083	2.128	2.489	17,0	19,5	361,0	406,0
CEVADA	3.612	3.195	3.472	8,7	(3,9)	277,0	(140,0)
TRIGO	2.526	2.613	2.723	4,2	7,8	110,0	197,0
TRITICALE	2.904	2.756	2.756	-	(5,1)	-	(148,0)
SUBTOTAL	2.515	2.573	2.706	5,2	7,6	133,0	191,0
BRASIL (2)	3.827	3.822	3.822	-	(0,1)	0,1	-5,2

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2020.



Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1.000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2018/19 (a)	2019/20		Percentual		Absoluta	
		jun/2020 (b)	jul/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	4.166,4	4.325,8	4.333,7	0,2	4,0	7,9	167,3
ALGODÃO - PLUMA	2.778,8	2.886,0	2.891,2	0,2	4,0	5,2	112,4
AMENDOIM TOTAL	434,6	558,4	557,3	(0,2)	28,2	(1,1)	122,7
AMENDOIM 1ª SAFRA	422,2	544,8	544,8	-	29,0	-	122,6
AMENDOIM 2ª SAFRA	12,4	13,6	12,5	(8,1)	0,8	(1,1)	0,1
ARROZ	10.483,6	11.126,1	11.168,2	0,4	6,5	42,1	684,6
ARROZ SEQUEIRO	816,1	903,2	893,1	(1,1)	9,4	(10,1)	77,0
ARROZ IRRIGADO	9.667,5	10.222,9	10.275,1	0,5	6,3	52,2	607,6
FEIJÃO TOTAL	3.017,7	3.073,9	3.156,1	2,7	4,6	82,2	138,4
FEIJÃO TOTAL CORES	1.888	1.864	1.929	3,5	2,2	65,0	41,6
FEIJÃO TOTAL PRETO	493	509	509	-	3,2	0,2	15,6
FEIJÃO TOTAL CAUPI	636	701	718	2,4	12,9	17,1	81,8
FEIJÃO 1ª SAFRA	989,1	1.109,1	1.109,1	-	12,1	-	120,0
CORES	563,4	606,2	606,2	-	7,6	-	42,8
PRETO	256,9	313,7	313,7	-	22,1	-	56,8
CAUPI	168,8	189,3	189,3	-	12,1	-	20,5
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.300,4	1.236,6	1.254,6	1,5	(3,5)	18,0	(45,8)
CORES	652,0	572,4	574,4	0,3	(11,9)	2,0	(77,6)
PRETO	228,7	188,0	187,6	(0,2)	(18,0)	(0,4)	(41,1)
CAUPI	419,7	476,1	492,6	3,5	17,4	16,5	72,9
FEIJÃO 3ª SAFRA	728,0	728,7	792,8	8,8	8,9	64,1	64,8
CORES	672,4	685,8	748,8	9,2	11,4	63,0	76,4
PRETO	7,8	7,1	7,7	8,5	(1,3)	0,6	(0,1)
CAUPI	47,9	35,7	36,3	1,7	(24,2)	0,6	(11,6)
GERGELIM	41,3	127,5	127,5	-	208,7	-	86,2
GIRASSOL	104,9	75,4	75,1	(0,4)	(28,4)	(0,3)	(29,8)
MAMONA	30,6	33,0	33,0	-	7,8	-	2,4
MILHO TOTAL	100.042,7	100.992,9	100.559,5	(0,4)	0,5	(433,4)	516,8
MILHO 1ª SAFRA	25.646,7	25.429,2	25.574,1	0,6	(0,3)	144,9	(72,6)
MILHO 2ª SAFRA	73.177,7	74.232,9	73.526,2	(1,0)	0,5	(706,7)	348,5
MILHO 3ª SAFRA	1.218,7	1.330,9	1.459,1	9,6	19,7	128,2	240,4
SOJA	115.029,9	120.424,0	120.883,2	0,4	5,1	459,2	5.853,3
SORGO	2.177,0	2.714,9	2.631,0	(3,1)	20,9	(83,9)	454,0
SUBTOTAL	235.528,7	243.451,9	243.524,6	-	3,4	72,7	7.995,9
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2019 (a)	2020		Percentual		Absoluta	
		jun/2020 (b)	jul/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
AVEIA	879,1	901,3	1.082,9	20,1	23,2	181,6	203,8
CANOLA	48,6	47,6	55,5	16,6	14,2	7,9	6,9
CENTEIO	9,4	10,0	11,7	17,0	24,5	1,7	2,3
CEVADA	429,1	392,3	391,3	(0,3)	(8,8)	(1,0)	(37,8)
TRIGO	5.154,7	5.690,4	6.315,9	11,0	22,5	625,5	1.161,2
TRITICALE	45,3	43,0	43,0	-	(5,1)	-	(2,3)
SUBTOTAL	6.566,2	7.084,6	7.900,3	11,5	20,3	815,7	1.334,1
BRASIL (2)	242.094,9	250.536,5	251.424,9	0,4	3,9	888,4	9.330,0

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.
 Fonte: Conab.
 Nota: Estimativa em julho/2020.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3.097,4	3.288,9	6,2	3.280	3.458	5,4	10.159,7	11.374,2	12,0
RR	72,4	75,0	3,6	3.913	4.052	3,6	283,3	303,9	7,3
RO	576,7	603,9	4,7	3.802	3.828	0,7	2.192,4	2.311,5	5,4
AC	47,5	47,5	-	2.042	2.147	5,2	97,0	102,0	5,2
AM	17,9	18,7	4,5	2.162	2.230	3,1	38,7	41,7	7,8
AP	24,1	24,4	1,2	2.506	2.574	2,7	60,4	62,8	4,0
PA	905,5	963,3	6,4	2.907	2.982	2,6	2.632,1	2.872,4	9,1
TO	1.453,3	1.556,1	7,1	3.341	3.650	9,2	4.855,8	5.679,9	17,0
NORDESTE	8.013,7	8.161,0	1,8	2.415	2.699	11,7	19.354,8	22.023,8	13,8
MA	1.572,5	1.605,1	2,1	3.152	3.465	9,9	4.956,2	5.561,3	12,2
PI	1.499,6	1.528,0	1,9	2.950	3.094	4,9	4.424,4	4.726,9	6,8
CE	872,6	916,5	5,0	593	776	30,7	517,8	710,8	37,3
RN	106,6	118,3	11,0	596	538	(9,7)	63,5	63,6	0,2
PB	188,1	210,6	12,0	396	664	67,6	74,5	139,8	87,7
PE	446,3	454,1	1,7	495	624	26,0	221,0	283,3	28,2
AL	65,9	66,5	0,9	1.332	1.326	(0,5)	87,8	88,2	0,5
SE	157,3	165,1	5,0	5.097	4.922	(3,4)	801,7	812,7	1,4
BA	3.104,8	3.096,8	(0,3)	2.644	3.112	17,7	8.207,9	9.637,2	17,4
CENTRO-OESTE	26.881,4	28.405,5	5,7	4.140	4.261	2,9	111.285,4	121.043,0	8,8
MT	16.183,5	17.197,2	6,3	4.171	4.289	2,8	67.494,4	73.754,8	9,3
MS	4.871,2	5.029,2	3,2	3.760	3.921	4,3	18.318,0	19.717,8	7,6
GO	5.665,0	6.016,7	6,2	4.349	4.440	2,1	24.638,2	26.712,8	8,4
DF	161,7	162,4	0,4	5.163	5.281	2,3	834,8	857,6	2,7
SUDESTE	5.656,6	5.852,4	3,5	4.032	4.162	3,2	22.809,0	24.356,4	6,8
MG	3.453,1	3.490,2	1,1	4.114	4.329	5,2	14.206,2	15.110,0	6,4
ES	26,3	26,0	(1,1)	1.749	1.827	4,5	46,0	47,5	3,3
RJ	3,0	2,7	(10,0)	1.967	2.000	1,7	5,9	5,4	(8,5)
SP	2.174,2	2.333,5	7,3	3.933	3.940	0,2	8.550,9	9.193,5	7,5
SUL	19.613,1	20.081,7	2,4	4.002	3.617	(9,6)	78.486,0	72.627,5	(7,5)
PR	9.649,5	9.802,2	1,6	3.757	4.066	8,2	36.251,0	39.853,5	9,9
SC	1.260,8	1.280,4	1,6	5.273	5.082	(3,6)	6.648,1	6.507,4	(2,1)
RS	8.702,8	8.999,1	3,4	4.089	2.919	(28,6)	35.586,9	26.266,6	(26,2)
NORTE/NORDESTE	11.111,1	11.449,9	3,0	2.656	2.917	9,8	29.514,5	33.398,0	13,2
CENTRO-SUL	52.151,1	54.339,6	4,2	4.076	4.012	(1,6)	212.580,4	218.026,9	2,6
BRASIL	63.262,2	65.789,5	4,0	3.827	3.822	(0,1)	242.094,9	251.424,9	3,9

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2020.





4. ANÁLISE CLIMÁTICA¹ - INMET

4.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE JUNHO

Em junho, a chegada de, pelo menos, três frentes frias resultou em elevado acumulo de chuvas, seguida por queda de temperatura em toda a Região Sul, parte de Mato Grosso do Sul e de São Paulo. Destacadamente na Região Sul, as chuvas foram particularmente intensas, ultrapassando a média histórica em praticamente todas as estações meteorológicas do Inmet, com volumes entre 100 mm e 210 mm. Em Porto Alegre (RS) e Maringá (PR), os acumulados foram 205 mm e 160 mm, respectivamente.

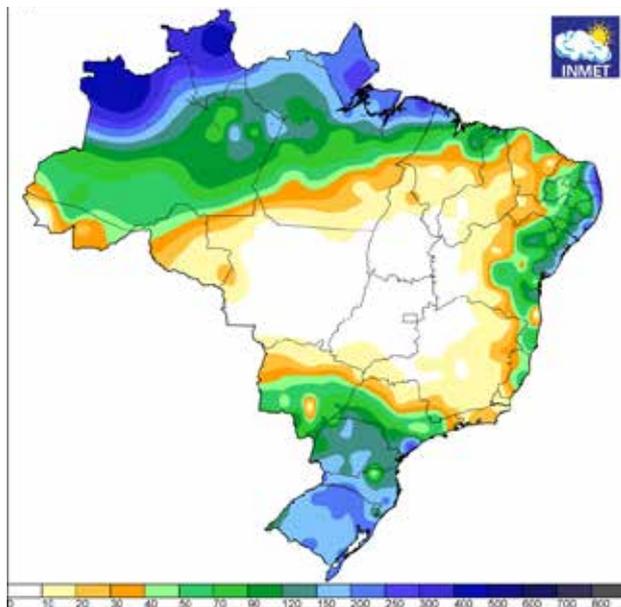
Contudo, a distribuição temporal desses volumes foi irregular ao longo do mês, com grande concentração em curtos períodos, principalmente nos últimos dias, como observado no mapa de acumulado, entre os dias 26 e 30 de junho, em parte por efeito da formação de um ciclone extratropical entre os dias 29 de junho e 1º de julho, que gerou forte instabilidade atmosférica.

Na faixa leste do Nordeste, junho é tipicamente chuvoso, e as precipitações foram predominantemente regulares ao longo do mês na maioria das localidades, com totais acumulados variando na faixa entre 120 mm e 300 mm. Em Campina Grande (PB) foram observados 127 mm e em Itabaianinha (SE) 230 mm. Nos dois casos, os totais foram próximos à média histórica do período.

¹ Mozar de Araújo Salvador - Meteorologista do Inmet - Brasília.

Também o extremo norte da Região Norte, que se encontra em seu período chuvoso, registrou volumes significativos entre 150 mm e 400 mm, porém dentro dos limites da faixa normal para a região nesse período.

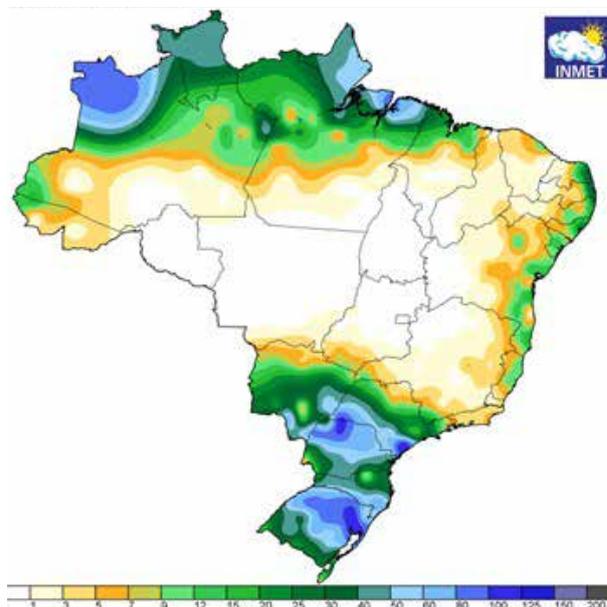
Figura 2 - Mapa de precipitação acumulada em junho/2020 no Brasil



Fonte: Inmet.

Na grande área central do Brasil, as condições climáticas de junho foram dentro das suas características típicas de inverno, com pouca ou nenhuma precipitação, baixa umidade e temperaturas mais amenas.

Figura 3 - Mapa de precipitação acumulada, entre os dias 26 e 30 de junho



Fonte: Inmet.

4.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Durante a segunda quinzena de junho, grande parte do Oceano Pacífico Equatorial apresentou um resfriamento, como pode ser observado em uma área significativa com anomalias negativas no mapa de anomalias da temperatura da superfície de mar (TSM), bem mais ampla e intensa que maio. A persistência dessas anomalias durante seis ou mais meses caracteriza uma condição de La Niña.

Os registros diários da TSM no Oceano Pacífico Equatorial nos últimos meses mostraram uma sequência de vários dias com decréscimo da temperatura, atingindo e persistindo em um patamar de desvios negativos perto de $-0,6\text{ }^{\circ}\text{C}$, como pode ser observado no gráfico diário de anomalia de TSM na área 3.4 de El Niño/La Niña (entre

170°W - 120°W). Contudo, no final de junho e início de julho, essa tendência perdeu força, inverteu-se, e os desvios de temperatura ficaram próximos da normalidade ($0\text{ }^{\circ}\text{C}$ de anomalia).

Considera-se que o Oceano Pacífico Equatorial está na fase neutra quando as anomalias médias de TSM estão entre $-0,5\text{ }^{\circ}\text{C}$ e $+0,5\text{ }^{\circ}\text{C}$.

No Atlântico Tropical Sul ainda persistem as anomalias positivas próximas à costa nordestina, o que potencialmente contribui para a precipitação na faixa leste da Região Nordeste.



Figura 4 - Mapa de anomalias da TSM no período de 16 a 30/06/2020

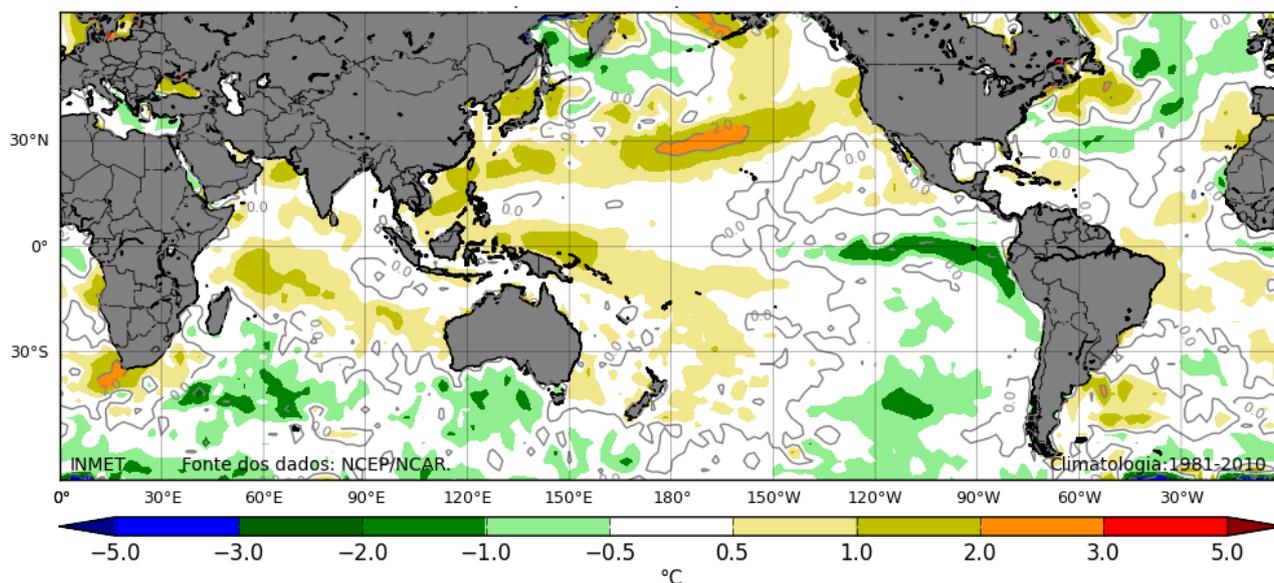
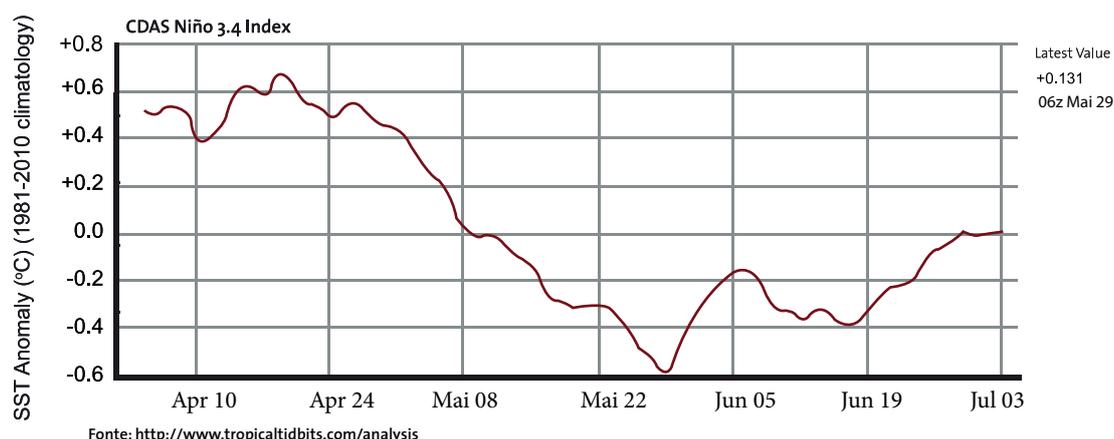


Gráfico 3 - Gráfico de monitoramento do índice diário de El Niño/La Niña 3.4

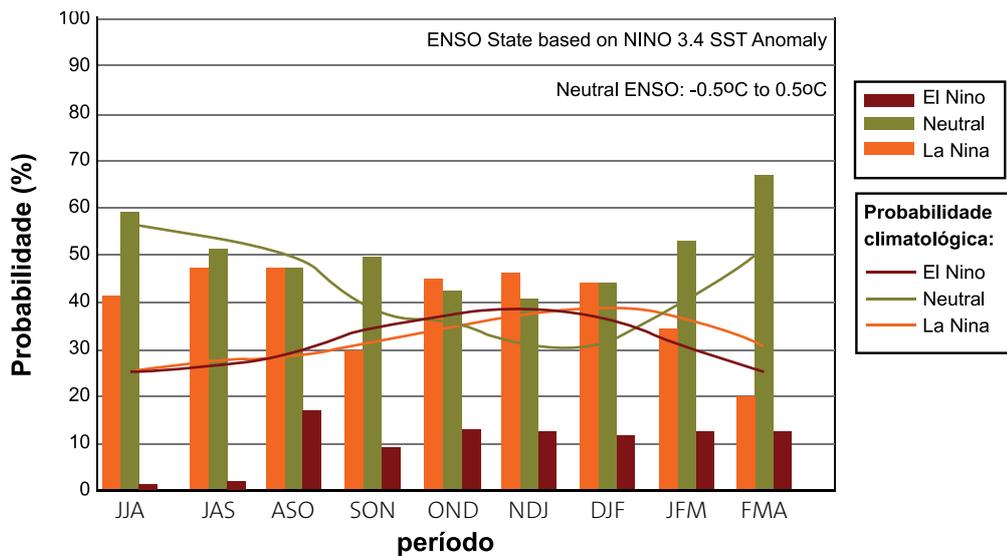


O gráfico com a média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) apresenta probabilidade de quase 60% de que o trimestre junho-julho-agosto se mantenha na condição de neutralidade. Os modelos também indicam uma leve progressão nas probabilidades de La Niña e de El Niño e

proporcional decréscimo das probabilidades de neutralidade. Apesar do aumento das probabilidades de La Niña, segundo os modelos do IRI, há incerteza quanto ao seu efetivo estabelecimento, e as condições de neutralidade devem predominar até pelo menos o início da próxima safra.



Gráfico 4 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



Fonte: IRI- <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/ens0/current/>

4.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO JULHO-AGOSTO-SETEMBRO DE 2020

Para a Região Sul, as previsões climáticas indicam que as chuvas devem permanecer próximas ou acima da média climatológica do trimestre na faixa entre o centro-sul do Paraná e o norte do Rio Grande do Sul. Nas demais áreas há probabilidade de acumulados dentro da faixa normal ou abaixo. As temperaturas devem ficar dentro da faixa normal do período.

Para a Região Nordeste, a previsão climática indica maior probabilidade de chuvas dentro da faixa normal ou acima nas faixas leste e norte, podendo ocorrer áreas com chuvas

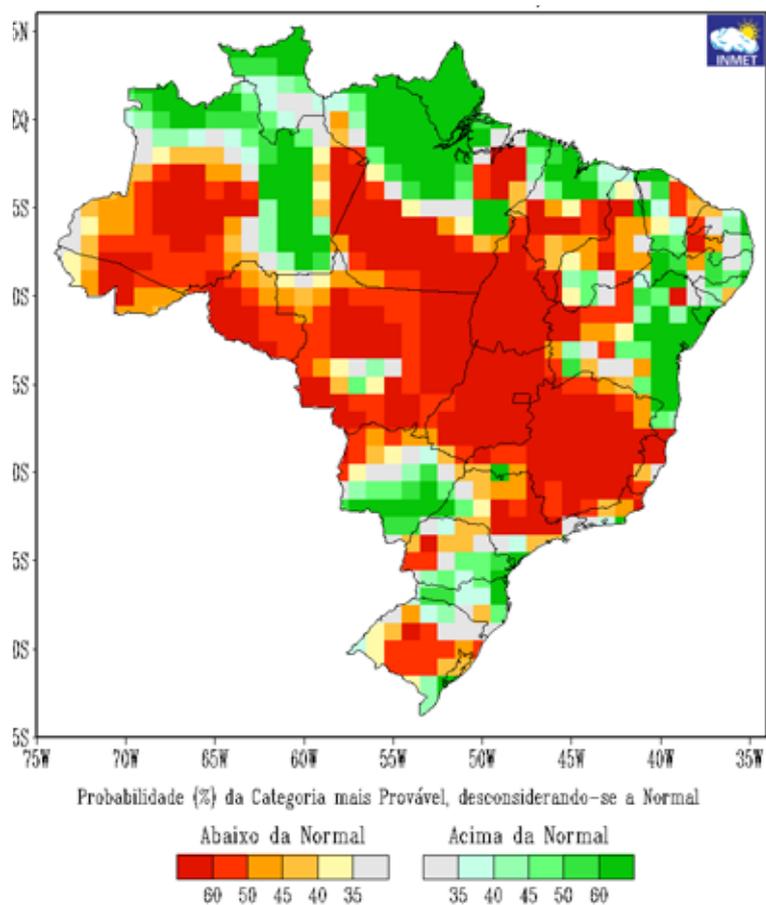
abaixo da média em junho, porém com desvios próximos à média.

A maior parte das Regiões Centro-Oeste, Sudeste, centro-sul da Região Norte e o semiárido está em seu período climático seco, e o modelo indica que deve permanecer assim.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do sítio do Inmet (<https://portal.inmet.gov.br>).



Figura 5 - Previsão probabilística de precipitação para o trimestre julho-agosto-setembro de 2020



Fonte: Inmet.





5. Mapeamento do arroz irrigado

5.1. MAPEAMENTO DE ARROZ IRRIGADO NO RIO GRANDE DO SUL – SAFRA 2019/20

O mapeamento refere-se à safra 2019/20, que foi realizado por meio de imagens de satélite em parceria com a Agência Nacional de Águas (ANA) e o Instituto Rio-grandense do Arroz (Irga). Teve como objetivo contribuir para a estimativa de área e produtividade. Na estimativa de área, o resultado do mapeamento contribui no levantamento e na análise da informação declaratória, como um dado objetivo passível de verificação em campo. Na estimativa de produtividade, o conhecimento da localização das áreas auxilia o monitoramento agrícola, a partir da análise de parâmetros agrometeorológicos e espectrais. Além disso, auxilia estudos relacionados, por exemplo, à demanda hídrica por irrigação e ao zoneamento agrícola.

5.1.1. METODOLOGIA DO MAPEAMENTO

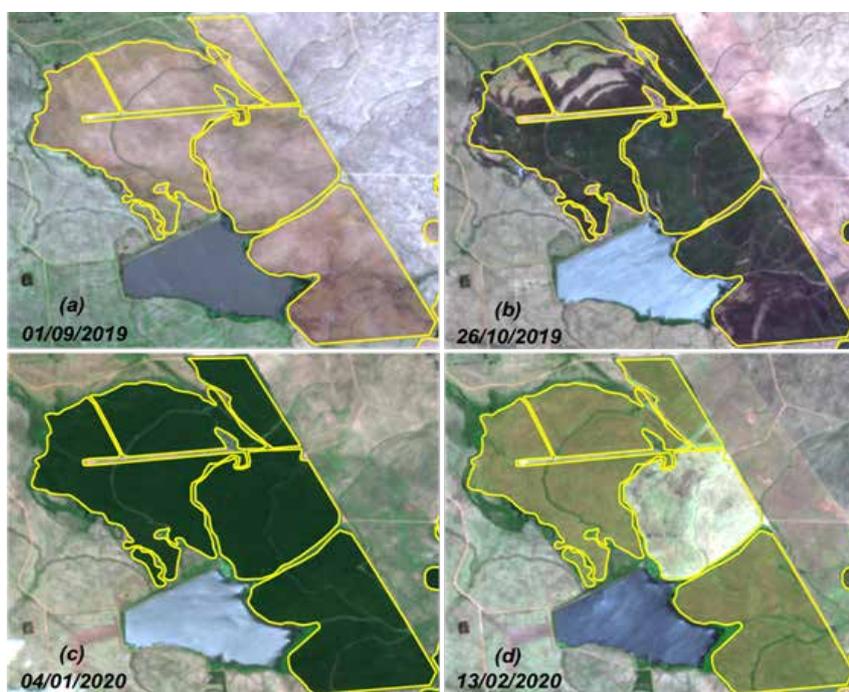
Os dados do Irga e os mapeamentos anteriores de arroz irrigado por inundação foram usados como referências. Utilizaram-se as bandas espectrais 2, 3, 4 e 8 de 10 metros e 8a, 11 e 2 de 20 metros fornecidas pelo instrumento “MultiSpectral Instrument - MSI” a bordo dos satélites da Missão Sentinel-2. Empregaram-se composições RGB – 4,3,2 (cor verdadeira) e 8,4,3 (falsa cor) de 10 metros e 8a,11,2 (agricultura) de 20 metros de resolução espacial. As imagens foram obtidas de forma gratuita diretamente no site do Programa Copernicus (<http://scihub.copernicus.eu>) entre agosto de 2019 e maio de 2020. Como suporte à identifi-

cação, utilizaram-se também imagens de alta resolução espacial disponíveis pelo software Google Earth Pro, quando compatíveis com o ano-safra do mapeamento.

A identificação das áreas de arroz irrigado foi realizada por meio de interpretação visual. Analisou-se o comportamento espectral dessas áreas de acordo com os estádios fenológicos. Durante o período de preparo do solo, a resposta espectral das áreas de arroz na imagem foi tipicamente de solo exposto. No plantio, a resposta espectral das lavouras de arroz apresentou padrões característicos de irrigação por inundação. No desenvolvimento, o comportamento espectral das lavouras de arroz com elevado vigor vegetativo se diferenciou em relação a outras classes como pastagem, mata nativa e demais cultivos. Na maturação e colheita, veri-

ficou-se redução do vigor vegetativo em razão da maturação e da colheita. A cultura do arroz ainda apresenta algumas particularidades que a diferenciam de outras, como: o relevo predominantemente plano; o formato das áreas, que geralmente, devido à prática de irrigação por inundação, apresentam formas geométricas relativamente bem definidas; e a presença constante de canais de irrigação, curvas de nível e terraços. Na Figura 5, está exemplificado o processo de interpretação visual com a identificação do arroz irrigado, na Fronteira Oeste, de uma área no município de Uruguaiana, principal produtor do estado.

Figura 6 – Interpretação visual de arroz irrigado - Fronteira Oeste



Fonte: Conab.

Interpretação visual com a identificação do arroz irrigado em uma área no município de Uruguaiana por intermédio de imagens de satélite Sentinel-2 (cor verdadeira) nos diferentes estádios fenológicos:

- (a) uma lavoura com solo preparado, aguardando o início da semeadura;
- (b) uma lavoura após iniciado o processo de irrigação, com alguns quadros já irrigados e outros ainda em processo;
- (c) uma lavoura em pleno desenvolvimento, evidenciando os canais de irrigação e a cor característica que a diferencia do entorno; e
- (d) o tom amarelado da lavoura em processo de maturação e senescência de folhas, com parte já colhida.

A vetorização foi realizada manualmente com base em imagens Sentinel-2. A escala de mapeamento utilizada variou entre 1:2.000 (maior escala), a 1:6.000 (menor escala). O cálculo de área utilizou os Sistemas de Referência de Coor-

denadas WGS 84 / UTM 21 e 22 S.

Foram realizados roteiros de verificação do mapeamento em campo, prática que contou com auxílio de técnicos do Irga, em grande parte do estado.

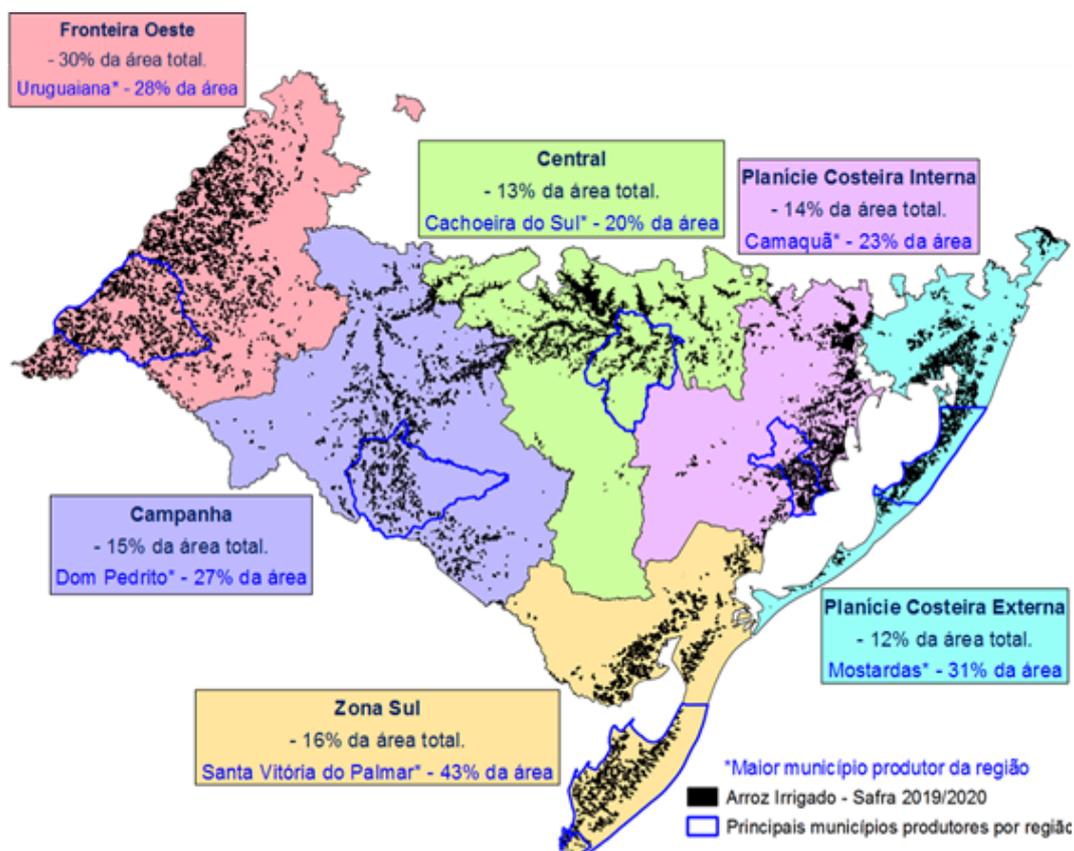


5.1.2. RESULTADOS DO MAPEAMENTO

Na Figura 7 é apresentado um resumo do mapeamento da safra 2019/20, por regiões orizícolas no Rio Grande do Sul, com a divisão utilizada pelo Irga. Os resultados foram apresentados como a participação de cada uma das regiões na área total e a participação dos principais municípios na

sua respectiva região. A região Fronteira Oeste apresentou a maior área cultivada, com 30% da área total, praticamente o dobro das demais regiões, que variaram de 12% a 16% do total.

Figura 7 – Área percentual de arroz irrigado por região orizícola no Rio Grande do Sul e a participação dos respectivos maiores municípios produtores dentro de cada região, safra 2019/20



O mapeamento possibilitou a identificação espacial acurada dos municípios que cultivam arroz irrigado no estado, resultando em uma área cultivada de 946.154 hectares para safra 2019/20. Esse trabalho refere-se à atualização do mapeamento das áreas cultivadas com arroz irrigado no estado e resultou em informações objetivas e precisas. Esses resul-

tados colaboraram para a alteração do tamanho de área divulgado pela Companhia. O arquivo relativo ao mapeamento está disponível no site da Conab para download no link e para visualização no Portal de Informações Agropecuárias - <https://portaldeinformacoes.conab.gov.br/mapeamento>.



5.2. MAPEAMENTO DE ARROZ IRRIGADO EM SANTA CATARINA – SAFRA 2018/19¹

O mapeamento refere-se à safra 2018/19, que foi realizado por meio de imagens de satélite em parceria com a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri) e a Agência Nacional de Águas (ANA). Teve como objetivo contribuir para a estimativa de área e produtividade. Na estimativa de área, o resultado do mapeamento contribui no levantamento e na análise da informação de-

claratória, como um dado objetivo passível de verificação em campo. Na estimativa de produtividade, o conhecimento da localização das áreas auxilia o monitoramento agrícola, a partir da análise de parâmetros agrometeorológicos e espectrais. Além disso, auxilia estudos relacionados, por exemplo, à demanda hídrica por irrigação e ao zoneamento agrícola.

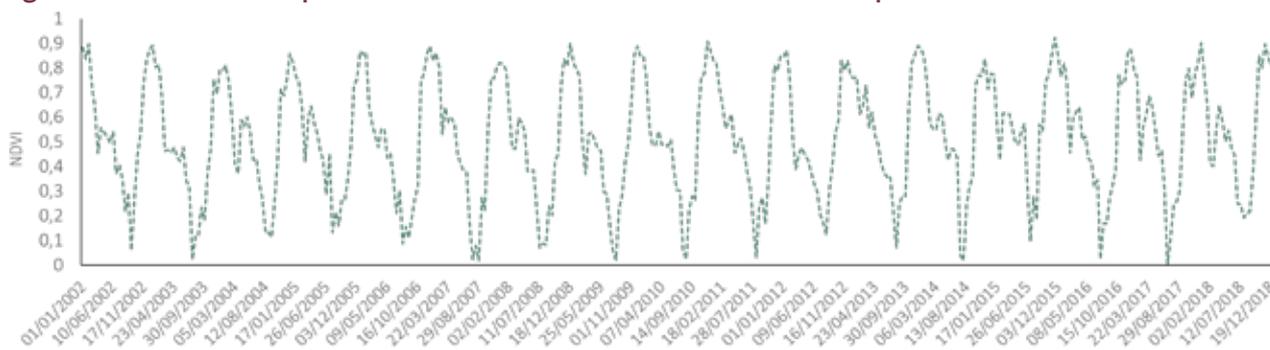
5.2.1. METODOLOGIA DO MAPEAMENTO

Para a identificação da cultura do arroz em Santa Catarina, inicialmente foi utilizado o produto MOD13Q1 fornecido pelo sensor MODIS (Moderate Resolution Imaging Spectroradiometer) disponível de março de 2001 até setembro de 2019, cobrindo todo o ano/safra e totalizando 19 anos de dados temporais. Esse produto apresenta imagens compostas em intervalos de 16 dias, contendo o índice de vegetação NDVI (Normalized Difference Vegetation Index), com resolução espacial nominal de 250 m, totalizando 23 imagens por ano. Por meio destas imagens, foi analisado o

desenvolvimento fenológico da cultura e sua curva espectral durante anos anteriores e definido quais seriam as melhores imagens do Sentinel-2 para a metodologia aplicada no presente trabalho (figura 8).

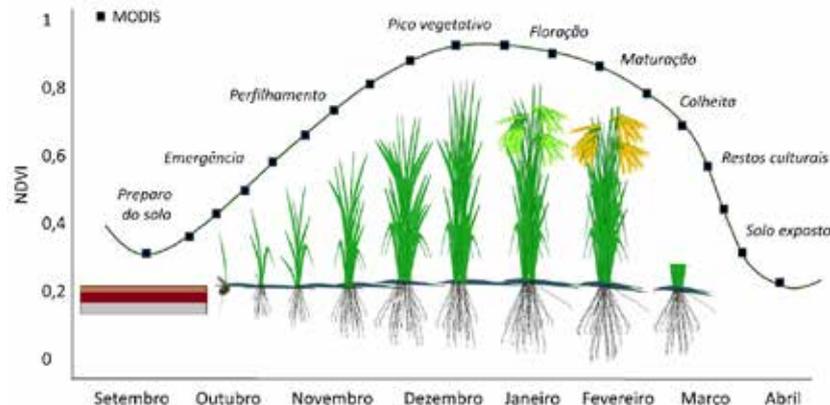
Por meio das imagens MODIS, foi identificado que o pico vegetativo (valor máximo NDVI) da cultura em Santa Catarina se apresenta entre novembro e dezembro, e o preparo do solo (valor mínimo de NDVI) em agosto e setembro (gráfico 5).

Figura 8 – Assinatura espectral da cultura do arroz numa amostra de pixel - Meleiro-SC



Fonte: Epagri

Gráfico 5 – Desenvolvimento fenológico do arroz irrigado e suas fases conforme os valores de NDVI do sensor MODIS



Fonte: Epagri

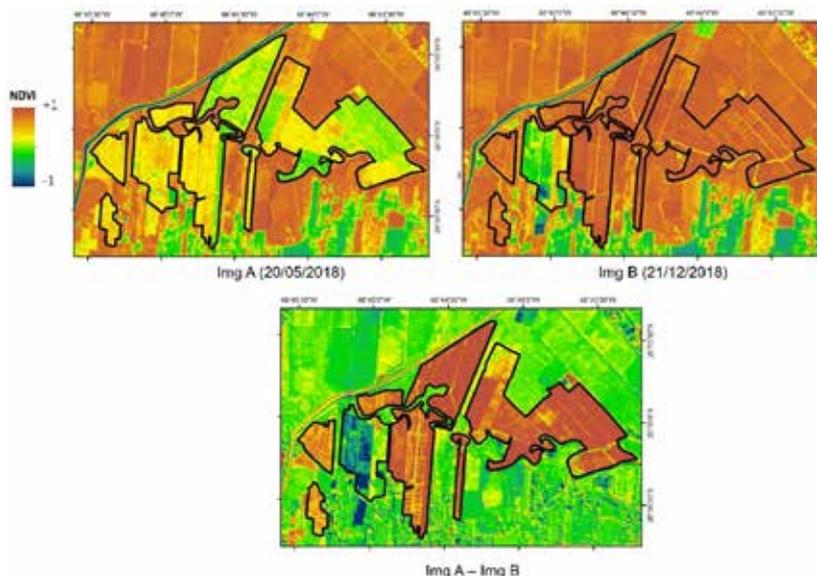
Assim, a partir da identificação dos valores máximos e mínimos de NDVI, foram geradas as imagens de diferença entre ambas. Na Figura 9 as imagens Sentinel-2 de

menor (20/05/2018 – Img A) e de maior valor vegetativo (21/12/2018 – Img B) são apresentadas com os talhões de arroz em destaque na terceira imagem (Img A – Img B).

1 - Kleber Trabaquini, Valci Francisco Vieira e Denilson Dortzbach (Epagri) e Cezar Augusto Rubin, Rafaela dos Santos Souza e Fernando Arthur Santos Lima (Conab)



Figura 9 – Metodologia de processamento de imagens Sentinel-2 utilizadas para mapeamento do arroz irrigado



Fonte: Epagri

Após este processamento, a vetorização foi realizada manualmente com base em imagens Sentinel-2. A escala de mapeamento utilizada variou entre

1:2.000 (maior escala) a 1:6.000 (menor escala). O cálculo de área utilizou o Sistema de Referência de Coordenada Sirgas 2000 / UTM 22 S.

5.2.2. RESULTADOS DO MAPEAMENTO

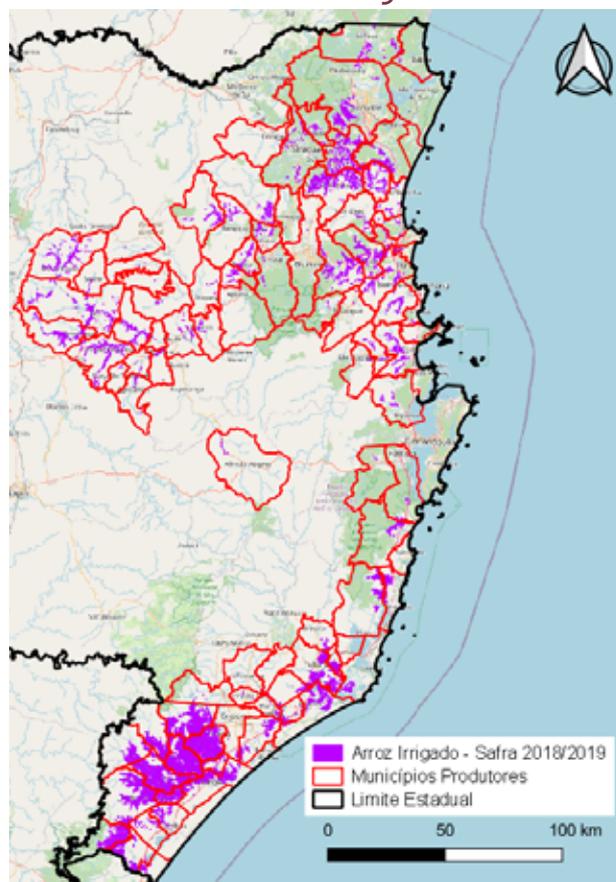
Na Figura 10, visualizam-se as áreas produtoras de arroz irrigado no estado de Santa Catarina durante a safra 2018/19. É possível verificar que o arroz irrigado está localizado na região leste do estado, com maior concentração no litoral sul. Os municípios de Turvo, Meleiro, Forquilha, Nova Veneza, Jacinto Machado, Araranguá e Tubarão, localizados no litoral sul, representam em torno de 40% de toda a área produtiva.

A realização do mapeamento permitiu a identificação espacial detalhada dos municípios que cultivam arroz irrigado no estado. Após análises criteriosas de dados de campo, associadas à metodologia de análises de imagens de satélites, e validação em campo, o mapeamento resultou em uma área cultivada de 149.592 hectares para a safra 2018/19.

Levando em consideração que as áreas cultivadas em Santa Catarina têm se mantido estáveis nos últimos anos devido, principalmente, ao manejo (áreas sistematizadas) e à especialização dos produtores, a Conab manterá o mesmo valor relativo ao tamanho de área para a safra 2019/20.

O arquivo relativo ao mapeamento está disponível no site da Conab para download no link e para visualização no Portal de Informações Agropecuárias - <https://portaldeinformacoes.conab.gov.br/mapeamento>

Figura 10 - Áreas produtoras de arroz irrigado de Santa Catarina – Safra 2018/19



Fonte: Conab





6. ANÁLISE DAS CULTURAS

6.1 CULTURAS DE VERÃO

6.1.1. ALGODÃO

As operações de colheita têm avançado nas principais regiões produtoras da cultura, e a projeção otimista de produção superior à temporada anterior tem se confirmado. A estimativa indicada, até o momento, é de 7.224,9 mil toneladas de algodão em caroço produzidos em 2019/20, representando incremento de 4% em relação ao ciclo passado.

Na Região Norte foram plantados cerca de 17,7 mil hectares nesta safra. Tal área está distribuída entre Roraima, Rondônia e Tocantins. As lavouras estão se encaminhando para o final de ciclo, e a estimativa de produção para a região é de aproximadamente 67,9 mil toneladas de algodão em caroço, indicando incremento de 4,6% em comparação a 2018/19.

Em Rondônia, mais especificamente no sul do estado (municípios de Cabixi, Pimenteiras do Oeste e Vilhena), onde se concentra a cotonicultura rondoniense, as lavouras estão avançando em seu ciclo fenológico, com bom desenvolvimento da cultura. Cerca de 83% da área plantada (9,8 mil hectares) já se encontra em fase de maturação, com previsão de início da colheita ainda em julho. A projeção atual é de produção na ordem de 36,8 mil toneladas de algodão em caroço, representando aumento de 88,7% em comparação à safra passada, principalmente em razão do expressivo aumento de área nesse ciclo.

Em Tocantins, as lavouras têm apresentado bom desenvolvimento e a expectativa é de aumento na produção, espe-

cialmente pelo incremento de área plantada visualizado nesse ciclo em comparação à safra anterior. Atualmente a colheita está em andamento, visto que até o fim de junho, cerca de 10% dos 6,7 mil hectares semeados já estavam colhidos. De maneira geral, a estimativa de produção é de 25,9 mil toneladas de algodão em caroço, representando acréscimo de 46,3% em relação a 2018/19.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, houve redução na área plantada, de aproximadamente 3,7%, atingindo 363,9 mil hectares, distribuídos em seis estados produtores. As lavouras estão em diferentes estágios de desenvolvimento, mas, no geral, a previsão é de 1.617,3 mil toneladas produzidas com algodão em caroço.

No Maranhão houve dois períodos distintos de semeadura. As lavouras de algodão herbáceo, plantadas a partir da segunda quinzena de dezembro de 2019, são consideradas de primeira safra, e, atualmente, estão em fase de colheita, com perspectiva de se finalizar até agosto. Já as lavouras de segunda safra foram cultivadas mais tardiamente, a partir da segunda quinzena de janeiro de 2020, com maior concentração no sul do estado, especificamente na região de Balsas e, atualmente, estão majoritariamente em fase de maturação, prevendo-se o começo da colheita a partir da segunda quinzena de julho. Somando as áreas plantadas nos dois períodos foram cerca de 27,8 mil hectares destinados à cotonicultura no estado, apontando leve aumento de 0,4% em comparação à área semeada em 2018/19. As condições climáticas são consideradas favoráveis à cultura, até o momento, isso impacta em uma previsão de incremento na produção final, que deve chegar a 118,3 mil toneladas (15,2% maior que a temporada anterior).

No Piauí foi semeada uma área de 19,5 mil hectares, correspondendo a um incremento de 21% em relação à área da safra passada. Esse acréscimo está relacionado à expansão de áreas agrícolas que já eram destinadas à cotonicultura, bem como a incorporação de novas fronteiras que antes estavam atreladas ao estado de Tocantins. Atualmente, a maior parte das lavouras está em fase de maturação, uma vez que 10% da área semeada já foi colhida. De maneira geral, a expectativa é que sejam produzidas cerca de 73,4 mil toneladas, representando acréscimo de 27% em comparação a 2018/19.

Na Bahia, a cotonicultura está concentrada no extremo-este (mais de 97% da área plantada) e no centro-sul do estado, com lavouras manejadas tanto em regime de sequeiro quanto em condição irrigada, por meio de gotejamento e pivô central. Para esta safra foram destinados cerca de 313,4 mil hectares para o cultivo do algodão, representando redução de 5,6% em relação à área semeada em 2018/19. Tal diminuição está atrelada aos menores preços pagos pelo produto, bem como a perspectiva de condições climáticas desfavoráveis ainda no início da safra. No entanto, de forma geral, as lavouras não apresentaram condições desfavoráveis em razão do clima e mantiveram seu desenvolvimento de

forma adequada durante o ciclo. Recentemente, as lavouras começaram a ser colhidas, e a expectativa de produção está em torno de 1.419,7 mil toneladas de algodão em caroço.

Na Região Centro-Oeste, a colheita começou e tem se intensificado nos últimos dias, reforçando a perspectiva de uma produção superior à temporada passada, estando atualmente estimada em 5.330 mil toneladas colhidas com o algodão em caroço.

Em Mato Grosso, a colheita está em andamento, visto que até o final de junho cerca de 2,7% dos 1.166 mil hectares semeados com a cultura nesta safra já estavam colhidos. A tendência é que o ritmo das operações ganhe força a partir da segunda quinzena de julho. As lavouras têm apresentado bom desenvolvimento, com boas condições fitossanitárias. O estágio fenológico predominante da cultura é a maturação, visto que o clima tem propiciado melhor qualidade de fibra, além de mitigar o surgimento de podridões em baixeiro, que são favorecidas pelo excesso de umidade. O rendimento médio estimado tende a superar àquele registrado no ciclo passado. Além do clima favorável, os altos investimentos feitos nas lavouras podem contribuir para esse incremento na produtividade média. A estimativa atual é de 4.311 kg/ha, perfazendo uma produção de 5.026,6 mil toneladas.

Figura 11 – Algodão em maturação em Itiquira - MT



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso do Sul foram cerca de 32 mil hectares semeados com a cultura nesta safra, sendo considerados dois períodos distintos para realização desse plantio. O algodão de primeira safra, cultivado ainda em 2019, está totalmente colhido, com produtividade média obtida abaixo do esperado, especialmente em razão do estresse hídrico registrado em boa parte das lavouras em fases importantes do desenvolvimento. Já o algodão de segunda safra, concentrado nas regiões norte e nordeste do estado, está com a colheita em andamento, mas também já demonstra redução no potencial produtivo em virtude das condições climáticas desfavoráveis (baixos índices pluviométricos).



De maneira geral, as operações de colheita devem se intensificar em julho, e a estimativa de produção é de 138 mil toneladas, representando redução de 16,4% em comparação a 2018/19.

Figura 12 - Colheita de algodão em Costa Rica - MS



Em Goiás, a colheita do algodão tem avançado nos dois principais polos produtores: Cristalina e Chapadão do Céu. Em torno de 30% dos 38,5 mil hectares semeados no estado, nessa safra, já foram colhidos. Os resultados visualizados, até o momento, apontam para uma produtividade média estadual de 4.295 kg/ha, indicando incremento no rendimento na ordem de 4,8% em relação a 2018/19. De maneira geral, o clima foi considerado durante boa parte do ciclo da cultura, e as condições mais secas registradas nas últimas semanas têm favorecido a maturação da fibra e potencializado a qualidade do produto.

Figura 13 – Lavoura de algodão em Cristalina-GO



Fonte: Conab.

Na Região Sudeste, Minas Gerais e São Paulo são os estados que apresentam produção de algodão nesta safra. Foram 49,1 mil hectares semeados na região, com projeção de produção na ordem de 206,5 mil toneladas.

Em Minas Gerais houve duas épocas distintas de plantio. No primeiro momento, ainda em 2019 (novembro e dezembro), as lavouras foram implantadas em condição de sequeiro utilizando, majoritariamente, cultivares de ciclo mais longo. Atualmente, essas áreas estão em fase de colheita, com projeção de finalização até o fim de julho. Já no segundo período de semeadura, após a colheita da soja, as cultivares utilizadas são de ciclo mais precoce, com uso de irrigação suplementar. A maior parte dessas lavouras está em fase de floração e maturação, com perspectiva de iniciar a colheita apenas setembro. De forma geral, a estimativa de produção total no estado é de 162,3 mil toneladas de algodão em caroço, nos mais de 38,1 mil hectares semeados nesse ciclo.

Em São Paulo, a colheita do algodão está em andamento, devendo perdurar ainda até o final de julho. Foram 11 mil hectares plantados, representando incremento de 11% na área semeada em comparação a 2018/19. A produção também deve apresentar crescimento, com expectativa de alcançar 44,2 mil toneladas.

Na Região Sul, o Paraná é o único estado produtor nesta safra, com área plantada de 1,2 mil hectares, pulverizada em vários municípios do norte do estado. A colheita está praticamente finalizada na região, devendo apresentar um volume final de 3,2 mil toneladas de algodão em caroço, representando incremento de 52,4% em relação ao resultado da safra anterior. Vale destacar que o produto obtido tem apresentado boa qualidade e tem sido favorecido pelo clima mais seco no momento da maturação e colheita.



Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Algodão

UF	Mesorregiões	Algodão										
		NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra		P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	M	M/C	C	C	
	Sul Maranhense - 2ª Safra			P	G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	M	M/C	C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano		P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	M/C	C	
	Centro Sul Baiano		P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	M	M/C	C	C	
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	M/C	C	C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		P/G/DV	DV	F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



6.1.2. AMENDOIM

6.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

A produção de amendoim, distribuída entre primeira e segunda safras, é estimada em 557,3 mil toneladas, 28,2% maior que na última safra.

A produção é concentrada na primeira safra, e foram colhidas 544,8 mil toneladas em uma área de 153,3 mil hectares, 9,7% superior à área semeada na última safra.

Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
SP	Araçatuba	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	Araraquara	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	Bauru	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	Marília	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	Presidente Prudente	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	Ribeirão Preto	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					
	São José do Rio Preto	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

6.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Na Paraíba, o incremento da área média que, em anos anteriores ficaram em torno de 400 hectares, eleva-se na safra atual para o total de 600 hectares, com produtividade média de 732 kg/ha.

Em São Paulo, a segunda safra tem menor produção do que a realizada na primeira safra, por não apresentar condições climáticas ideais.

O período mais adequado ao cultivo da segunda safra vai

do final de fevereiro até o final de março.

Esta safra é responsável por aproximadamente 5% da produção total do amendoim produzido em São Paulo, sendo cultivado predominantemente na alta paulista, região de Tupã e Herculândia, combinada com o processo de reforma de pastagens.

A estimativa é de manutenção da área semeada e diminuição de 0,3% na produtividade em relação à safra anterior.

Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim segunda safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
BA	Nordeste Baiano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
	Metropolitana de Salvador	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
SP	São José do Rio Preto							P/G	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Ribeirão Preto							P/G	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Presidente Prudente							P/G	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Marília							P/G	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Assis							P/G	DV/F	F/FR	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



6.1.3. ARROZ

A safra de arroz 2019/20 está quase finalizada, confirmando a expectativa de aumento na produção em comparação à temporada anterior. As lavouras das principais regiões produtoras estão finalizando a colheita, e, de modo geral, o produto tem apresentado boa qualidade e rendimento médio satisfatório. Serão mais de 11.168,2 mil toneladas colhidas nesta safra, demonstrando incremento de 6,5% em relação ao resultado de 2018/19. Tudo isso, mesmo em meio à redução de área plantada, que passou de 1.702,5 mil hectares no ciclo anterior para 1.665,5 mil hectares nesse exercício, a área plantada em manejo irrigado foi de 1.298,7 mil hectares, retração de 4,2% em relação à safra anterior. Enquanto no arroz de sequeiro houve aumento de 5,8%, chegando a 366,8 mil hectares semeados.

Vale destacar que nesse levantamento houve uma atualização nos valores de área plantada com arroz irrigado em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, em razão da conclusão do trabalho de mapeamento realizado pela Conab juntamente com a Agência Nacional de Águas (ANA), com a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), bem como o Instituto Rio-grandense do Arroz (Irga). Essa parceria gerou um importante produto que deve resultar em dados ainda mais precisos para as estimativas de produção do arroz no país.

Na Região Norte foram destinados cerca de 228,1 mil hectares à rizicultura nesta safra, com projeção de produção na ordem de 990,5 mil toneladas (aumento de 5,4% em comparação a 2018/19). Com isso, a região deverá se configurar como a segunda maior produtora nacional de arroz.

Em Rondônia, a colheita está finalizada, e a produção alcançou cerca de 139,4 mil, representando crescimento de 1,4% em comparação a 2018/19.

No Acre, os valores observados nesse ciclo demonstraram pequena redução em comparação à temporada passada. Foram 6,4 mil toneladas produzidas nessa safra, ante as 6,5 mil toneladas colhidas em 2018/19, visto que a área plantada se manteve em 4,9 mil hectares nos dois períodos.

No Pará houve aumento na área destinada à rizicultura nesta safra, em particular no arroz de sequeiro. No total, foram 44,4 mil hectares semeados nesse ciclo, representando incremento de 19% em relação a 2018/19. Quanto à produção, a estimativa é de obtenção de 109 mil toneladas, aumentando em 14,7% o resultado alcançado na temporada anterior.

Em Tocantins, a colheita do arroz está se encerrando, com previsão de conclusão em julho. Ao todo, devem ser 122,5 mil hectares colhidos, perfazendo uma produção de 658,6

mil toneladas, indicando incremento de 5,6% em relação ao volume obtido em 2018/19.

Em Roraima, a estimativa é que sejam destinados cerca de 10,3 mil hectares à rizicultura nesta safra. A expectativa quanto à produção é que se obtenha 70,6 mil toneladas, simbolizando redução de 4,1% em relação à temporada anterior.

No Amazonas, o cultivo de arroz no estado acontece basicamente para o consumo próprio, manejado em condição de sequeiro. Foram cerca de 2,4 mil hectares semeados nesta safra, dobrando a área utilizada na temporada passada. A colheita está finalizada, com a produção de 5,4 mil toneladas.

Na Região Nordeste houve aumento na área plantada com arroz em comparação à safra passada, em particular no arroz de sequeiro. Dessa forma, foram cerca de 157 mil hectares semeados, representando aumento de 9,2% em comparação a 2018/19. Tal variação, atrelada às boas condições climáticas, em boa parte das regiões produtoras, proporcionaram um acréscimo de 13,7% na produção estimada, devendo chegar a 309,3 mil toneladas.

No Maranhão foram cerca de 89,9 mil hectares cultivados com arroz nesta safra, tanto em manejo irrigado quanto em condições de sequeiro. Houve aumento de área destinada em comparação a 2018/19, bem como incremento na produtividade média, em razão das boas condições apresentadas nesse ciclo. Desta forma, a produção total está estimada em 153,8 mil toneladas, sendo 18% superior ao resultado da temporada passada.

No Piauí, a área de arroz total sofreu incremento na ordem de 15%, atingindo 53,6 mil hectares, e a produtividade esperada em torno dos 1.675 kg/ha. O plantio dessa cultura iniciou-se na segunda quinzena de novembro em algumas áreas do cerrado piauiense, atualmente concluída em todas as regiões do estado. A colheita está em andamentos, com projeção de produção na ordem de 89,8 mil toneladas, sinalizando aumento de 12,8% em relação a 2018/19.

Em Alagoas, a cultura é manejada em condição irrigada, visto que nesta safra devem ser cultivados cerca de 3 mil hectares, com estimativa de produção acima das 19,1 mil toneladas.

Em Pernambuco houve incremento na área cultivada de 25%, passando de 400 hectares na safra anterior para 500 hectares neste exercício. Em relação ao rendimento, este foi reajustado para 8.500 kg/ha, sinalizando incremento de 4,3% em comparação a 2018/19 e perfazendo uma produção estimada de 4,3 mil toneladas.



Na Paraíba foram semeados 1,3 mil hectares nesta safra, sendo todo cultivo manejado em condição de sequeiro. O rendimento médio projetado indica aumento em comparação à temporada anterior, devendo atingir uma produção de 2 mil toneladas.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, houve redução na área plantada, quando comparada à última safra, ficando em 152,5 mil hectares semeados. Quanto à produção, a estimativa regional é que sejam colhidas cerca de 594,1 mil toneladas, representando aumento de 5,6% em relação a 2018/19.

Em Mato Grosso, a colheita está praticamente finalizada, com perspectiva de incremento de 6,7% na produtividade média, bem como 4,4% na produção final, que devem chegar a 3.410 kg/ha e 404,8 mil toneladas, respectivamente.

Em Mato Grosso do Sul, os 11,2 mil hectares semeados com a cultura nesta safra já estão colhidos, com produção final aproximada de 68,9 mil toneladas, representando aumento de 11% em relação a 2018/19.

Em Goiás, a colheita está finalizada, com produção de aproximadamente 120,4 mil toneladas (aumento de 6,9% em comparação à temporada passada). De modo geral, as condições climáticas foram favoráveis ao longo do ciclo, influenciando no aumento de rendimento médio verificado.

Em Minas Gerais foram destinados cerca de 2 mil hectares ao cultivo de arroz nesta safra, indicando redução de 42,9% em relação à temporada anterior. Tal diminuição está ligada ao arroz de sequeiro, que perdeu área nesse ciclo para outras culturas consideradas mais rentáveis. De maneira geral, a colheita está finalizada no estado, com obtenção de produção na ordem de 8,9 mil toneladas (9,2% inferior à temporada passada).

Na Região Sul, o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado, apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado o de sequeiro. Estima-se que a área plantada com o arroz irrigado seja de 1.114,4 mil hectares, enquanto para o arroz de sequeiro a estimativa aponta manutenção em 3

mil hectares em relação à safra anterior.

No Paraná, a colheita está finalizada nos 3 mil hectares semeados em condição de sequeiro. De pouca expressão econômica no Paraná, tratando-se de cultura de subsistência, conduzida com baixo nível tecnológico, sendo boa parte cultivada nas entrelinhas de culturas perenes, destinada principalmente ao consumo próprio. A produtividade média ficou em 2.043 kg/ha e a produção final na ordem de 6,1 mil toneladas. Já o arroz irrigado, a área semeada foi de 18,8 mil hectares, com produtividade média de 7.794 kg/ha, e produção na ordem de 146,5 mil toneladas, representando aumento de 7,6% em relação à safra passada.

Em Santa Catarina, a colheita está encerrada. O clima seco favoreceu as operações e o produto obtido apresentou boa qualidade. Foram 149,6 mil hectares destinados à produção de 1.211,8 mil toneladas, representando aumento de 7,3% em comparação ao volume obtido na safra anterior.

No Rio Grande do Sul, a colheita está finalizada nos 946 mil hectares semeados com a cultura nesse ciclo. De maneira geral, a situação de seca que ocorreu no estado favoreceu muito a cultura do arroz, já que houve grande parte dos dias com céu limpo, temperatura alta e noites amenas. Com isso, apesar da queda da produtividade nas lavouras mais tardias, o rendimento médio foi bom, aumentando a produtividade da safra passada em 12,7%, chegando a 8.316 kg/ha. A produção total alcançou 7.866,9 mil toneladas, sendo 6,5% superior a 2018/19.



Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
RO	Leste Rondoniense				P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
PA	Sudoeste Paraense				P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Sudeste Paraense				P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
TO**	Ocidental do Tocantins			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C		
MA	Centro Maranhense						P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense				P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
PR**	Noroeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
SC**	Norte Catarinense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Vale do Itajaí	PP	P	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C				
	Sul Catarinense		P	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C				
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense		PP	P	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense		PP	P	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre		PP	P	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				
	Sudeste Rio-grandense		P	P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Fa
 M
 ão - falta de chuva
 Bai
 - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.

6.1.4. FEIJÃO

A cultura é considerada de ciclo curto e, por isso, apresenta uma vantagem para o produtor, que consegue adequar o seu plantio dentro de uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra (semeado entre agosto e dezembro), o de segunda safra (cultivado entre janeiro e abril) e o de terceira safra (semeado de maio a julho).

Nessa temporada 2019/20, a produção de feijão na primeira safra está consolidada, apresentando um volume final de 1.109,1 mil toneladas. Já o feijão de segunda safra está em fase final de colheita, com estimativa de produção na ordem de 1.254,6 mil toneladas. E por fim, as lavouras de terceira safra, que estão em pleno desenvolvimento, demonstram perspectiva de obtenção próxima a 792,8 mil toneladas.

6.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Houve incremento na produção dessa primeira safra em comparação a 2018/19, especialmente em razão das melhores condições climáticas registradas no período. Ao todo foram colhidas cerca de 1.109,1 toneladas (entre

feijão-comum cores, feijão-comum preto e feijão-caupi, representando aumento de 12,1% em relação ao exercício anterior.



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano				PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte Baiano						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Sul Baiano						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Sudeste Mato-grossense				P/G	DV	F	FR/M/C	M/C				
	Norte Mato-grossense				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
GO	Leste Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Norte Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
DF	Distrito Federal					P/G/DV	F/FR	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Norte de Minas					P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Oeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Campo das Vertentes				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Zona da Mata				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
SP**	Bauru	PP	P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Curitiba			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C				
SC	Oeste Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Serrana			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.



6.1.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

A safra está se encaminhando para conclusão, porém com resultados aquém do esperado, principalmente em razão das condições climáticas desfavoráveis registradas durante o ciclo em grandes regiões produtoras, como no sul e sudeste do país, impactando no desenvolvimento das lavouras e no rendimento da cultura.

Feijão-comum cores

Na Região Norte, a área destinada ao plantio da cultura sofreu redução em comparação à temporada passada, principalmente em razão da ausência de cultivo em Tocantins. Ao todo foram 10,6 mil hectares semeados com a cultura nessa segunda safra, distribuídos entre Rondônia, Acre e Amapá. Já a previsão de produção é na ordem de 8,8 mil toneladas, também indicando diminuição em relação a 2018/19, na ordem de 5,4%.

Em Rondônia, os 5,3 mil hectares plantados com o feijão-comum cores nesse período são manejados em condição de sequeiro, com nível de mecanização mais baixo e caracterizado por uma produção a nível familiar. Atualmente, as lavouras se encontram em fase final de maturação, inclusive com as operações de colheita já em andamento. A previsão é que sejam produzidas 5,4 mil toneladas nessa temporada.

Na Região Nordeste, a Bahia e a Paraíba se destacam na produção do grão nesse período. No primeiro estado foram semeados cerca de 11 mil hectares nesse ciclo, manejados sob pivô central, com previsão de produção na ordem de 29,7 mil toneladas. Atualmente, as lavouras estão em estágio de florescimento e frutificação, com colheita prevista para agosto. Já no segundo estado, foram aproximadamente 22,9 mil hectares destinados ao cultivo da cultura, apresentando incremento de 14% em comparação a 2018/19. As primeiras lavouras já estão em fase de colheita e a perspectiva total de produção é de 10,8 mil toneladas, sendo 89,5% superior à temporada passada.

Na Região Centro-Oeste, a colheita está se encerrando, com a perspectiva de confirmação de redução na produção total. A estimativa é que sejam colhidas cerca de 179,7 mil toneladas, indicando diminuição de 8,4% em comparação à temporada anterior.

Em Mato Grosso, a colheita está em fase final de execução, chegando a quase 95% da área total, até o final de junho. A produtividade média, até o momento, é de 1.890 kg/ha, representando incremento de 25,3% em relação àquela obtida no ciclo passado. Tal acréscimo impacta na produção final esperada, amenizando a influência negativa que a redução de área plantada apresentou, quando comparada a 2018/19. A preferência de alguns produtores na destinação de área para o cultivo de culturas consideradas mais

rentáveis, como o milho, foi fator importante para tal variação. No geral, a perspectiva de produção é na ordem de 77,7 mil toneladas de feijão-comum cores, representando diminuição de 10,6% em relação à temporada passada.

Em Mato Grosso do Sul, as lavouras estão, majoritariamente, em fases reprodutivas e início da colheita. De modo geral, 2% das áreas estão em desenvolvimento vegetativo, 30% em floração, 45% em enchimento de grãos, 20% em maturação e 3% colhidas. A cultura sofreu com a falta de chuvas no início do crescimento, mas em junho apresentou bom desenvolvimento, porque as temperaturas mais amenas durante o dia e frescas durante a noite favoreceram o “pegamento” da floração. Ao todo foram 25 mil hectares semeados, com expectativa de produção na ordem de 50 mil toneladas, representando incremento de 104,1% em relação ao resultado obtido em 2018/19.

Em Goiás, a colheita está encerrada, demonstrando redução na produção em relação a 2018/19. A região leste do estado, por exemplo, apresentou excesso de chuvas durante a fase de maturação e colheita das lavouras, impactando o rendimento médio da cultura. Já na região sul, a escassez de precipitações influenciou o desenvolvimento das plantas, especialmente no estágio de enchimento de grãos. De maneira geral, foram cerca de 50 mil toneladas colhidas, simbolizando diminuição de 4,8% em comparação à temporada anterior.

No Distrito Federal, a segunda safra de feijão-comum cores está sendo finalizada nos 900 hectares cultivados nesse ciclo. As condições climáticas, no geral, foram favoráveis ao desenvolvimento da cultura, e a produtividade média indicada apresentou incremento em comparação a 2018/19, alcançando 2.200 kg/ha. Dessa forma, a produção final esperada é de aproximadamente 2 mil toneladas.

Na Região Sudeste, Minas Gerais é o grande destaque na produção do feijão-comum cores segunda safra. Foram 122,8 mil hectares semeados nesse período, representando redução de área de 11,5% em comparação a 2018/19. As lavouras estão em fase de maturação (60% da área total), além de algumas áreas já colhidas (40% da área total). Até o momento, o produto colhido tem sido de muito boa qualidade e a estimativa de produção é da ordem de 160,7 mil toneladas, sendo 17,5% inferior à temporada ante-



rior. Já em São Paulo, a colheita do feijão-comum cores nessa segunda safra está finalizada nos 17,3 mil hectares semeados. A produção ficou em 34,4 mil toneladas, representando redução de 4,7% inferior as 36,1 mil toneladas colhidas no estado na temporada anterior, principalmente em decorrência da redução de área plantada nesse ciclo. Na Região Sul, o Paraná apresentou redução na área plantada em comparação à temporada anterior, especialmente em razão da competição com o cultivo de outros grãos mais rentáveis, bem como a estiagem registrada entre fevereiro e março, dificultando o plantio dentro da sua janela ideal. Ainda assim, foram semeados 112,8 mil hectares no estado. As lavouras sentiram a escassez de chuvas já mencionada, e as produtividades médias verificadas nas primeiras áreas colhidas apontam redução em comparação a 2018/19. Apesar disso, a qualidade do feijão está boa, mas com tamanho menor. A queda no rendimento está sendo compensada pelos preços pagos, que subiram quase 100% em relação à cotação na época de plantio. A colheita está praticamente finalizada, com estimativa de produção na ordem de 135 mil toneladas, sendo 31,2% inferior ao resultado obtido em 2018/19.

Em Santa Catarina, a colheita está finalizada 3,3 mil hectares semeados com o feijão-comum cores nessa segunda safra. O rendimento médio apresentou redução de 10,9% em relação à safra passada, especialmente em razão dos baixos índices pluviométricos intercalados por veranicos comprometeram a expressão do potencial produtivo previsto inicialmente, com base no pacote tecnológico empregado pelos produtores. No entanto, com o crescimento na área plantada, a produção final acabou ficando superior àquela verificada em 2018/19, chegando a 4,8 mil toneladas (acréscimo de 9,1%).

Feijão-comum preto

A Região Sul é responsável por mais de 92% da área plantada com o feijão-comum preto nessa segunda safra. O Paraná é o grande produtor, com 109,2 mil hectares semeados. No início da implantação das lavouras existiam condições que permitiram um bom desenvolvimento das plantas, porém a falta de precipitações registradas entre fevereiro e março afetou o potencial produtivo da cultura. Atualmente, a colheita está quase finalizada, confirmando a perspectiva de redução no rendimento médio e na produção final em comparação ao exercício passado, estimando 1.171 kg/ha e 127,9 mil toneladas, respectivamente. Tais valores apontam para redução de 24,5% e 21,9% em comparação a 2018/19.

Em Santa Catarina, assim como no feijão-comum cores, a colheita está encerrada nos 19,8 mil hectares semeados nesse ciclo. O rendimento médio verificado foi de 1.387 kg/ha, representando redução de 7,5% em comparação à safra passada. Os baixos índices pluviométricos intercalados por veranicos comprometeram a

expressão do potencial produtivo do pacote tecnológico empregado pelos produtores. A qualidade do produto colhido tem sido considerada boa, ainda que o grão seja pequeno em algumas partilhas por falta de água no momento da granação. Algumas áreas no Planalto Norte foram atingidas por geada nas fases de granação e maturação prejudicando a qualidade e a produtividade de forma pontual. De maneira geral, a produção alcançada foi de 27,5 mil toneladas, sendo 5,4% maior que na temporada anterior, principalmente em razão da maior destinação de área visualizada nessa safra.

No Rio Grande do Sul, a colheita foi finalizada, confirmando a expectativa de redução no rendimento médio em comparação à temporada anterior, especialmente em razão da escassez de chuvas registradas ao longo do ciclo, impactando o potencial produtivo da cultura. De maneira geral, a produtividade média ficou em 1.189 kg/ha e a de produção em torno de 22,4 mil toneladas, sinalizando diminuição de 16% e 17,9%, respectivamente, em comparação a 2018/19.

Feijão-caupi

Na Região Norte, Tocantins apresenta maior relevância na produção. Neste ciclo foram semeados 29 mil hectares, visto que parte dessas áreas são manejadas em condição de sequeiro, plantadas mais precocemente e outra porção semeada em condição subirrigada, cultivada em áreas de várzea e que tem o plantio mais tardio. De modo geral, a colheita da cultura no estado está em andamento, chegando a 22% da área colhida ao fim de junho. As produtividades observadas, até o momento, são boas e a perspectiva é de aumento na produção final, devendo alcançar 32,5 mil toneladas, representando incremento de 36% em comparação a 2018/19.

Na Região Nordeste, o feijão-caupi tem grande importância, principalmente por apresentar alta demanda consumidora. O grão faz parte do hábito alimentar de seus habitantes e isso impacta na expressiva destinação de área que a região apresenta, em comparação as demais regiões brasileiras. Nessa segunda safra, por exemplo, foram aproximadamente 691,8 mil hectares plantados com a cultura, representando mais de 81% da área nacional. Desse cultivo, a perspectiva é de produção na ordem de 296,9 mil toneladas.

No Maranhão houve pequeno aumento na área plantada em comparação à temporada anterior, chegando a 27,8 mil hectares, ante os 26,7 mil hectares semeados em 2018/19. As lavouras estão em pleno desenvolvimento atualmente e a previsão é de produção na ordem de 17,3 mil toneladas.

No Ceará houve aumento de área plantada em comparação à temporada anterior. Os bons preços pagos pelo



grão estimularam os produtores a expandirem o cultivo, além das condições climáticas favoráveis apresentadas durante o ciclo. Ao todo foram semeados 382,1 mil hectares com o feijão-caupi nessa segunda safra, visto que mais da metade dessa área já está colhida. A projeção é que até julho sejam concluídas as operações, alcançando uma produção de 144,8 mil toneladas, representando incremento de 32,1% em relação a 2018/19.

Na Paraíba foram cerca de 76 mil hectares semeados com a cultura nessa segunda safra, representando incremento de 11,6% em comparação a 2018/19. A colheita está em andamento, e a perspectiva é de produção na ordem de 33,1 mil toneladas (aumento de 65,5% em relação ao mesmo período).

Em Pernambuco, o feijão-caupi de segunda safra é semeado em diversas regiões no sertão do estado. A sua maior rusticidade e resistência ao estresse hídrico favorecem seu cultivo nessas localidades. Além disso, nesta safra, o comportamento das precipitações pluviométricas, de uma maneira geral, favoreceram as lavouras de feijão, uma vez que as perdas registradas se deram de forma isolada, principalmente em razão do excesso de chuvas incidido durante os estádios de florescimento, maturação e colheita. Dessa forma, com a finalização

da colheita, foi confirmado o aumento na produção em comparação a 2018/19, chegando a 40,2 mil toneladas colhidas (aumento de 12%).

Na Bahia, a maior parte dos 35 mil hectares semeados com a cultura nessa segunda safra está em fase de maturação e a perspectiva é que as operações de colheita se iniciem ainda em julho. A estimativa atual é de produção na ordem de 31,5 mil toneladas.

Na Região Centro-Oeste, Mato Grosso e Goiás são os principais produtores. O primeiro destinou cerca de 118,6 mil hectares ao plantio do feijão-caupi nesse período. Tal área representa redução de 4,3% em comparação a 2018/19 em razão da maior competição com as culturas de milho, algodão e gergelim. A colheita alcançou cerca de 88% da área total ao final de junho, uma vez que a previsão é de finalização das operações em julho. A qualidade dos grãos obtidos tem se mostrado excelente, e a produtividade média projetada é de 1.216 kg/ha, sendo 11,3% superior ao rendimento verificado no último ciclo, refletindo os maiores investimentos empregado à cultura, bem como das condições climáticas bastante favoráveis. A perspectiva de produção é na ordem de 144,2 mil toneladas. Já em Goiás, a colheita está encerrada nos 15 mil hectares semeados nesse ciclo. A produção apresentou incremento de 37,3% em comparação a 2018/19, resultando em um volume final de 17,3 mil toneladas.



Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MA	Oeste Maranhense				PP	P/G	DV/F	FR	M/C	C			
	Centro Maranhense				PP	P/G	DV/F	FR	M/C	C			
	Sul Maranhense				PP	P/G	DV/F	FR	M/C	C			
CE	Noroeste Cearense		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Norte Cearense		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Sertões Cearenses		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul		PP	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C					
MT	Norte Mato		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Nordeste Mato		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Sudeste Mato		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
GO	Noroeste Goiano		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Norte Goiano		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Leste Goiano		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Sul Goiano		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
MG	Noroeste de Minas		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Central Mineira		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Vale do Rio Doce		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Oeste de Minas		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Campo das Vertentes		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Zona da Mata		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
ES	Central Espírito-Santense		P/G	DV	DV/F	M/C	C						
SP	Campinas		P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C						
	Assis		P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C						
	Itapetininga		P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C						
PR	Norte Central Paranaense	P/G	DV	DV/F	FR	FR/M	M/C						
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense	P/G	DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C						
	Oeste Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
	Sudoeste Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
	Metropolitana de Curitiba	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C						
SC	Oeste Catarinense	P/G	G/DV	F/FR	F/FR/M	M/C	C						
	Norte Catarinense	P/G	G/DV	F/FR	F/FR/M	M/C	C						
	Sul Catarinense	P/G	G/DV	F/FR	F/FR/M	M/C	C						
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C						

Legendas:

	Baixa restrição - falta de chuvas		Favorável		Média restrição - falta de chuva		Baixa restrição - excesso de chuva
	Média restrição - Excesso de chuva		Baixa restrição - geadas ou baixas temperaturas				

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.



6.1.4.2. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Aproveitando-se da demanda contínua que o feijão possui no hábito alimentar dos brasileiros, bem como o seu ciclo de desenvolvimento mais reduzido em comparação a outras culturas, como soja e milho, há um escalonamento da produção do grão ao longo do ano-safra, gerando assim três períodos distintos para o plantio e

Feijão-comum cores

A implantação das lavouras está praticamente consolidada, confirmando a projeção de incremento na área plantada em comparação a 2018/19, alcançando 505,2 mil hectares semeados com a cultura (aumento de 2,4%). Já a estimativa de produção é na ordem de 748,8 mil toneladas.

Na Região Norte, o cultivo da cultura deve ficar limitado a Tocantins, com o plantio de 2,4 mil hectares. As lavouras estão em desenvolvimento e devem apresentar produção acima das 6,7 mil toneladas.

Na Região Nordeste há uma grande destinação de área para o plantio do feijão-comum cores na terceira safra. O regime pluviométrico de algumas localidades da região favorece tal cultivo, além da utilização da irrigação em boa parte dessas lavouras. De maneira geral, são esperados cerca de 300,1 mil hectares semeados com a cultura nesse período, com maior destaque para a produção na Bahia e em Pernambuco.

Na Bahia, o plantio do feijão-comum cores nessa terceira safra foi finalizado no início de junho. Ao todo foram cerca de 190 mil hectares destinados à semeadura da cultura, representando redução de 5% em relação a 2018/19. A região nordeste do estado é a que concentra maior parte dessa área, com participação, especialmente, de pequenos e médios produtores. Existe uma previsão otimista em relação às condições climáticas, gerando perspectiva de boa produtividade, sendo 30% superior àquela obtida na temporada passada, devendo alcançar 702 kg/ha.

Em Pernambuco foram semeados cerca de 84,3 mil hectares com o feijão-comum cores nessa terceira safra. Tal área simboliza incremento em comparação a 2018/19, especialmente pela maior motivação que os produtores tiveram em relação às condições climáticas. As lavouras estão em desenvolvimento, e a perspectiva inicial é que sejam produzidas mais de 57,3 mil toneladas.

Na Região Centro-Oeste são esperados cerca de 115,3 mil hectares cultivados com o feijão-comum cores nesse período, distribuídos entre Mato Grosso, Minas Gerais e Distrito Federal.

colheita do feijão. Neste momento, as lavouras estão em variadas fases de desenvolvimento nos mais de 578,4 mil hectares destinados à cultura nesse período, chamado de terceira safra. Já a projeção de produção é na ordem de 792,8 mil toneladas.

Em Mato Grosso, o feijão-comum cores na terceira safra é cultivado em manejo irrigado, apresentando boas produtividades médias, no geral. Com a perspectiva de bons preços pagos pelo produto, a expectativa é que haja incremento de área, saltando para 53,9 mil hectares semeados nesse ciclo, contra 46,2 mil hectares plantados na temporada anterior. As lavouras estão quase todas implantadas e a projeção é de acréscimo na produção final em relação a 2018/19.

Figura 14 - Feijão-comum cores irrigado em Primavera do Leste – MT



Fonte: Conab.

Em Goiás, o desenvolvimento das lavouras está bem avançado, inclusive com o início da colheita em algumas regiões produtoras. O cultivo é manejado sob condição irrigada, e a perspectiva é que sejam produzidas cerca de 167,6 mil toneladas em 58 mil hectares semeados.

No Distrito Federal foram semeados cerca de 3,2 mil hectares, representando incremento de 3,2% em comparação a 2018/19. As lavouras estão em fase de desenvolvimento vegetativo, apresentando ótimas condições fitossanitárias. O clima tem favorecido tal cenário e isso pode refletir em bons níveis de rendimento produtivo para a cultura.

Na Região Sudeste, Minas Gerais e São Paulo são os estados representantes na produção de feijão-comum cores nessa terceira safra. Ao todo são estimados cerca de 85,4 mil hectares para a semeadura da cultura na região, indicando acréscimo em relação aos 82,7 mil hectares plantados na temporada anterior.



Em Minas Gerais, a área plantada estimada é de 70,2 mil hectares para o feijão-comum cores nessa terceira safra. O estado é um dos principais produtores do grão nesse período e a tendência é que se mantenha esse destaque nesta temporada, com projeção de produção de mais de 193,1 mil toneladas.

Em São Paulo, o plantio da cultura nessa terceira safra está

Feijão-comum preto

A representação do feijão-comum preto na terceira safra é reduzida, com pequenas áreas plantadas em Minas Gerais (cerca de 200 hectares), Distrito Federal (cerca de 200 hectares), além de uma maior concentração em Per-

finalizado, destinando cerca de 15,2 mil hectares, com lavouras sendo manejadas sob sistema irrigado com pivô-central. O desenvolvimento das plantas tem sido satisfatório, até o momento, e a projeção é de incremento na produção final em comparação à temporada passada.

nambuco, que, até o momento, está estimada em 10,7 mil hectares. As lavouras estão em desenvolvimento, e a projeção para a produção é de 7,7 mil toneladas nesse ciclo.

Feijão-caupi

A terceira safra de feijão-caupi se concentra nas Regiões Norte e Nordeste, com maior destaque para o Pará, Pernambuco e Bahia. Atualmente, as lavouras estão em desenvolvimento nos mais de 62,1 mil hectares destinados

ao cultivo da cultura nesse ciclo. Essa área plantada representa redução de 19% em comparação à área semeada na temporada passada. Quanto à produção, a estimativa inicial é de 36,3 mil toneladas colhidas.

Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão terceira safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PE	Agreste Pernambucano								P	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
BA	Nordeste Baiano	C							P	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
MT	Norte Mato-grossense	C								P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
	Sudeste Mato-grossense	C								P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
GO	Noroeste Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Norte Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Leste Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Sul Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
MG	Noroeste de Minas	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
SP	Ribeirão Preto	C								P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
	Bauru	C								P/DV	DV/F	FR/M	M/C
	Campinas	C								P/DV	DV/F	FR/M	M/C
	Itapetininga	C								P/DV	DV/F	FR/M	M/C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.

6.1.5. GERGELIM

A área do gergelim no Brasil é estimada em 160 mil hectares, e deverá apresentar um aumento de 201,9% em relação ao efetivado na temporada anterior.

Em Mato Grosso, calcula-se que pouco menos de 20% da área de gergelim tenha sido colhida até o fechamento de junho, e a expectativa é que a maior parte dos trabalhos ocorram em julho, mês no qual estes deverão ser

concluídos.

As áreas pendentes de colheita se encontram majoritariamente no estágio de maturação, e todas as condições indicam que a produtividade média deverá ser bastante positiva. A cultura tem se adaptado muito bem ao clima de segunda safra em Mato Grosso, e estima-se rendimento médio de 799 kg/ha, mas que deverá ser melhor



delineado com o avanço da colheita, sendo julho decisivo para a cultura. A rentabilidade da cultura tem atraído novos entrantes ao mercado.

Com cotações entre R\$ 3 e R\$ 3,50 o quilo, existe a percepção que a cultura continuará ganhando cada vez mais espaço em âmbito estadual, visto que neste ciclo a área semeada saltou de 53 mil hectares para 157 mil hectares.

O crescente interesse comercial tende a desencadear maiores investimentos e melhorias quanto a sementes, com o condão de impulsionar o rendimento médio do gergelim ao longo do tempo.

6.1.6. GIRASSOL

A Região Centro-Oeste é a principal produtora de girassol. Além da extração do óleo, é comum sua utilização na alimentação animal e humana.

Em Mato Grosso, a colheita do girassol acumula 41% até o encerramento de junho, e o restante dos trabalhos será finalizado em julho.

A escassez hídrica, nesta temporada, incidente sobre a principal região produtora da oleaginosa em Mato Grosso, na parte oeste do estado, deverá afetar o resultado final, ainda que de forma moderada.

Projeta-se rendimento médio de 1.577 kg/ha, com queda de 1,3% em relação aos 1.597 kg/ha obtidos no último ciclo, queda motivada pela menor incidência de chuvas.

A cultura vem perdendo espaço no estado devido à competição com outras culturas de segunda safra que têm demonstrado maior rentabilidade, com destaque para o milho e algodão, e a área alocada ao girassol retraiu de 38 mil para 25,2 mil hectares.

Em Goiás, em torno de 3% das áreas de girassol começaram a ser colhidas, com rendimentos de 1.600 kg/ha. Em Itumbiara, pequenas áreas foram colhidas com rendimento de 32,8 scs/ha, com destinação da produção à indústria de óleo local. A tendência é que esse rendimento com avanço da colheita possa ficar abaixo de 30 scs/ha. As estimativas são que cerca de 80% da produção dos municípios pesquisados se encontra comercializada por meio de contratos. São aproximadamente 23 mil hectares da cultura no estado.

Estima-se que cerca de 65% das lavouras de girassol de

Figura 15 - Gergelim pronto para a colheita em Campo Novo dos Parecis - MT



Fonte: Conab.

Goiás tenham sido plantadas fora da janela ideal de plantio. A Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa) estabelece por meio de sua Instrução Normativa nº 8, de 2017, que em virtude da presença de restos culturais de plantas de soja em meio a lavouras de girassol, estas devem ser colhidas até 30 de junho, época após a qual se inicia o vazio sanitário da soja em Goiás. Segundo informações, este ano a Caramuru (uma das principais compradoras da produção de girassol na região) entrou com um pedido junto à Agrodefesa para que o período de colheita do girassol se estenda até meados de julho, visto que, com o atraso no plantio das lavouras, não será possível a conclusão da colheita de todas as áreas no estado até o prazo estabelecido. O mercado para a comercialização do grão demonstra bons rendimentos para o produtor.

Figura 16 - Lavoura de girassol em maturação no município de Diamantino - MT



Fonte: Conab.



6.1.7. MAMONA

A estimativa para a safra 2019/20 é de retração na área plantada. A previsão é que sejam cultivados 45,6 mil hectares, que, comparados com os cultivados na safra anterior, equivalem à retração de 2,1% na área.

O Nordeste é a principal região produtora, com destaque para a Bahia.

Estima-se retração de área para o Nordeste em 1,4%, e a produção é de cerca de 10,3 mil toneladas.

Na Bahia, as lavouras de mamona são cultivadas na região centro-norte, manejadas por pequenos produtores, majoritariamente em regime de sequeiro, com algumas poucas experiências irrigadas.

Nesta safra estima-se o cultivo de 42,9 mil hectares, visto que 50% dessas lavouras são remanescentes da safra passada (soca) e outros 50% foram semeadas em janeiro e fevereiro.

A colheita foi iniciada e deve se estender até setembro, com expectativa de produzir 30,9 mil toneladas.

As lavouras se apresentam com ótimo vigor, as chuvas favoreceram o desenvolvimento das lavouras e recuperação das socas da safra passada.

A produção é comercializada para o mercado atacadista, que destinam a mamona para as indústrias de processamento.

Em Mato Grosso, a mamona apresenta estágio final de maturação e cerca de 60% de sua área já foi colhido.

A área se restringe a apenas 2,1 mil hectares, e a produtividade média projetada é de 912 kg/ha, que resultam em uma produção estimada de 1,9 mil toneladas.

No atual ciclo, opções de segunda safra como o milho, o algodão e o gergelim têm inibido a expansão da cultura em âmbito estadual.

6.1.8. MILHO

6.1.8.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Nesta safra, em virtude dos graves problemas climáticos ocorridos especialmente na Região Sul, a produção teve seus quantitativos reduzidos em 0,3% quando comparado à temporada passada, saindo de 25,6 milhões de toneladas na temporada 2018/19 para 25,5 milhões na atual.

Na Região Norte-Nordeste, as expectativas iniciais estimularam fortemente o plantio, com incremento na área atingindo 10,1% em relação ao ano passado, ocupando uma área de 1.319,2 mil hectares, contra 1.198,3 mil da safra anterior. A produção, conseqüentemente, atingiu 5.829,1 mil toneladas, representando aumento de 26,5% em relação ao exercício passado.

No Maranhão, a colheita está praticamente encerrada, com um rendimento médio de 4.515 kg/ha. É importante destacar que na região sul foi observado forte migração da área de soja para milho em virtude da restrição hídrica que afetou a semeadura e implantação das lavouras daquela oleaginosa durante novembro e dezembro de 2019. Nesse cenário favorável para o cereal, a área apresentou importante incremento de 23,5% em relação à safra anterior, atingindo a marca de 270 mil hectares. A agricultura familiar estadual participa da oferta estadual, utilizando sementes distribuídas pelo governo e também sementes crioulas. A colheita foi iniciada em abril e início de maio de 2020, para comercialização do produto “milho verde”, que apresenta maior rentabilidade.

No Piauí, esperava-se uma pequena redução na área do milho primeira safra com relação à safra anterior. No entanto, com as adversidades climáticas no início do plantio de verão, parte das áreas que seriam destinadas à soja, migraram para milho. Dessa forma, a área da safra atual atingiu 429,1 mil hectares, representando aumento de 14,8% com relação à safra passada. Esse aumento justifica-se por dois fatores: a) como houve uma necessidade de replantio em áreas plantadas com soja e, com a falta de chuva em tempo hábil, a janela de plantio da soja ficou curta, o que ocasionou a opção desse replantio com milho; b) preço atrativo ao produtor, pois a perspectiva para o ano são bastante positivas para o cereal devido à grande demanda tanto interna (proteína animal e combustível) como também do mercado externo. Atualmente a produtividade média esperada para a cultura é de 4.505 kg/ha, correspondendo a um aumento de 13,6% em relação à safra passada, número que pode vir a ser ainda superior, justificado por um aumento na área de agricultura empresarial.

Na Bahia, as lavouras de milho ocuparam a área de 361,5 mil hectares, com a expectativa de produzir 1,78 milhão de toneladas. Os cultivos estão distribuídos pelo extremo-este, centro-norte e centro-sul. As lavouras apresentaram boa qualidade, com perdas pouco significativas, mesmo com a ocorrência do veranico em dezembro e janeiro, e a danos pontuais do ataque de lagartas. As boas chuvas em fevereiro, março e abril garantiram bom desenvolvimento



às lavouras, e a produção está surpreendendo as expectativas, apesar de o plantio ter sido realizado fora do calendário ideal. A colheita se encontra encerrada.

Na Região Centro-Oeste ocorreu importante incremento no plantio, com a área cultivada apresentando elevação de 3,6% em relação ao plantio anterior. A produção atingiu a marca de 2.918,5 mil toneladas, 10,6% de incremento em relação à do ano passado.

Em Mato Grosso, com a colheita já finalizada desde abril, o rendimento médio foi calculado em 8.389 kg/ha, 19,5% maior que o registrado no ciclo passado, reflexo do maior investimento e do clima favorável. Limitada pela concorrência da soja, a área de milho primeira safra se restringiu a 41,2 mil hectares, 10,5% maior que o ocorrido no ciclo passado. Entre os produtores existe a percepção de que, para a próxima safra, haja espaço para um aumento de área alocado para o milho na primeira safra.

Em Goiás, a colheita foi finalizada e a produtividade alcançada atingiu 7.980 kg/ha. Praticamente 90% da produção já foi comercializada por meio de contratos antecipados, realizados com granjas de aves e suínos do estado.

Na Região Sudeste ocorreu forte redução na área plantada de 3,6%, atingindo 1.072,9 mil hectares, contra 1.113 mil hectares, observado na temporada passada. Esse fato gerou uma produção de 6.576,7 mil toneladas, redução de 0,1%, comparado ao ano anterior, basicamente em decorrência do desempenho do clima nas fases importantes da lavoura.

Em Minas Gerais, as lavouras se encontram predominante-

mente nas fases de maturação (75%) e colheita (25%). Apesar das variações climáticas durante o período de desenvolvimento das lavouras, considera-se que o produto colhido apresenta excelente qualidade e a produtividade média estadual superou as expectativas, alcançando 6.486 kg/ha.

Na Região Sul, a área plantada com o cereal, experimentou aumento de 2,2% em relação à safra passada. A instabilidade regional do clima impactou fortemente o desempenho das lavouras, com a produção atingindo 10.249,8 mil toneladas, uma redução de 13,2%, comparado ao da temporada anterior.

Em Santa Catarina, a colheita das últimas lavouras foi concluída em meados de junho, nas regiões onde a semeadura foi feita mais tarde e onde os produtores direcionaram parte da produção para consumo na propriedade. Grandes oscilações no rendimento foram observadas na cultura conforme as regiões produtoras, variando de 8.000 kg/ha a 13.200 kg/ha. Em outras regiões, onde a estiagem foi mais intensa, como no Planalto Sul e Meio Oeste, a produtividade foi reduzida em comparação às safras cujas condições climáticas ficaram dentro da normalidade, variando de 3.000 kg/ha a 7.800 kg/ha.

No Rio Grande do Sul, a colheita do milho foi encerrada. Apesar de haver algumas lavouras ainda em campo, elas não serão destinadas à comercialização, e sim para o consumo em pequenas propriedades. A produtividade foi mantida em 4.973 kg/ha, confirmando as perdas severas causadas pela seca ocorrida em boa parte do ciclo, em especial nas áreas cultivadas tardiamente.



Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra														
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
PA	Sudeste Paraense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Maranhense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
MA	Sul Maranhense					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Norte Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano				P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Norte Baiano					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Sul Baiano					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
MT	Sudeste Mato-grossense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Goiano				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
GO	Leste Goiano				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sul Goiano				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Distrito Federal			PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
MG	Noroeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Metropolitana de Belo Horizonte			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campo das Vertentes			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Zona da Mata			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
SP	São José do Rio Preto			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Ribeirão Preto			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Bauru			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campinas			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Macro Metropolitana Paulista			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Macro Metropolitana Paulista			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Ocidental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Central Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Pioneiro Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sudoeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sudeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Metropolitana de Curitiba		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
SC	Norte Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C							
	Serrana		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C							
	Vale do Itajaí		P/G	G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C	C						
RS	Nordeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M/C	FR/M/C	C	C						
	Centro Oriental Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	FR/M/C	C	C						
	Metropolitana de Porto Alegre		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						

Legendas:

- Baixa restrição - falta de chuvas
- Favorável
- Média restrição - falta de chuva
- Baixa restrição - excesso de chuva
- Alta Restrição - Falta de Chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado.



6.1.8.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

A conjuntura para a segunda safra de milho nesta temporada apresentou quadro bastante favorável, tendo como suporte, as boas expectativas trazidas pelo cenário internacional. Internamente, a opção pela produção de etanol, a partir do cereal, fechou um círculo virtuoso de expectativas para o milho, particularmente o produzido na segunda safra. Para o presente exercício foi estimado um aumento na área plantada de 6,3% em relação ao ano passado, atingindo 13.690,8 mil hectares. Esse incremento não foi, no entanto, suficiente para traduzir em um consequente aumento da oferta, uma vez que importantes estados produtores foram severamente afetados pelas condições climáticas, com a produção da segunda safra atingindo 73,5 milhões de toneladas, 0,5% acima do resultado da última safra.

Na Região Norte/Nordeste, a área plantada com o cereal apresentou ligeiro incremento em relação à safra passada. O plantio, neste exercício, atingiu 1.574,4 mil hectares.

Em Rondônia, a área cultivada nesta safra evoluiu 4%, variando de 178,9 mil hectares na safra 2018/19 para 186 mil hectares nesta. A produtividade deverá atingir 5.034 kg/ha, gerando uma produção de 936,3 mil toneladas na safra atual. A semeadura do milho iniciou em janeiro e finalizou em março, logo após a colheita da soja primeira safra. Os estágios atuais da cultura é a seguinte: maturação 82% e colheita 18%.

No Maranhão, a colheita do milho avançou fortemente nos últimos dias, com cerca de 20% da área colhida, especificamente na região sul do estado. A previsão é que a colheita se estenda até o início de agosto. As lavouras estão em maturação e em boas condições. Relativamente a produtividade média esperada permanece a expectativa de rendimento médio em torno de 5.326 kg/ha, o que equivale a um incremento de 27,3% em relação à safra anterior.

No Piauí ocorreu redução na área com relação à safra anterior na ordem de 58,7%. Essa redução se justificou pelas irregularidades climáticas no início do calendário agrícola e o consequente atraso no plantio da soja. Com isso, a janela para plantio do milho ficou bastante comprimida, e os produtores optaram por não correr maiores riscos, plantando fora da janela ideal. Dessa forma, a área para o milho segunda safra atingiu 32,1 mil hectares, correspondendo à menor área para a cultura nos últimos três anos, com a expectativa de produtividade em torno de 4.459 kg/ha. As chuvas ocorridas em fins de maio favoreceram a cultura na fase de enchimento de grãos, permitindo a expectativa de boas produtividades. Atualmente a cultura se encontra com 99% nos estágios de maturação e 1% já colhida.

Em Tocantins, a colheita do milho está em andamento em

todas regiões, com aproximadamente 22% da área colhida até a semana do levantamento. Nas primeiras áreas colhidas alguns produtores estão alcançando produtividades acima de 6.000 kg/ha, devendo reduzir com o andamento da colheita, pois houve diminuição no uso de tecnologias nas áreas que foram semeadas tardiamente, mesmo com a expectativa de que se obtenha uma média superior ao da safra passada. A colheita deverá se estender até o início de agosto.

Na Região Centro-Oeste, principal produtora do cereal no país, a área plantada apresentou incremento de 8,7%, atingindo 8.888,1 mil hectares, contra 8.179,2 mil hectares do ano passado.

Em Mato Grosso, a colheita avança, calculando-se que 32,8% tenha sido colhido até o final de junho, com as lavouras restantes em maturação. De modo geral, a produtividade média que se desenha é bastante positiva mesmo em regiões onde ocorreu escassez hídrica, particularmente no oeste e sul do estado. Estima-se uma produtividade média de 6.259 kg/ha, 1,8% menor em relação ao registrado na safra 2018/19, com o milho colhido se mostrando de excelente qualidade. Maiores investimentos empregados à cultura no atual ciclo têm desempenhado papel importante para a obtenção do resultado.

Figura 17 - Milho em maturação Itiquira - MT



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso do Sul, as lavouras que ainda necessitavam de chuvas (em enchimento de grãos) passaram por estresse hídrico durante as três primeiras semanas de junho. A boa umidade do solo proporcionada pelas chuvas de maio, somada às temperaturas diurnas mais amenas e noites frescas e longas, permitiram o desenvolvimento razoável das plantas. Todas as lavouras do estado foram, em algum momento, prejudicadas pelo estresse hídrico, portanto, perdas de produtividade já foram consolidadas, uma vez que parte das lavouras não conseguem mais compensar a falta de chuvas. O avanço do ciclo da cultura



reduziu as incertezas da produtividade, que, atreladas aos bons preços, levaram os produtores a negociarem um percentual alto da safra. No final de junho 5% das lavouras estavam em floração, 40% em enchimento de grãos, 48% em maturação e 7% já colhidos.

Figura 18 - Milho em estágio de maturação no município de Caarapó - MS



Fonte: Conab.

Em Goiás, a colheita se iniciou na região sudoeste, atingindo 5% até o final de junho. Até o momento, as primeiras colheitas têm obtido produtividades elevadas, por volta de 9.000 kg/ha, porém este número tende a cair, quando as áreas que foram plantadas mais tardiamente e sofreram mais com a estiagem começarem a serem colhidas.

A produtividade média pode chegar a 6.600 kg/há no sudoeste goiano. Na região leste e norte, a colheita deve ser intensificada em julho, com previsão de quebra de produtividade em torno de 10% em virtude da falta de chuvas e plantio fora da janela ideal. Ocorrem relatos que o produtor que ainda não vendeu toda sua produção espera novas

altas nos preços do grão para finalizar a comercialização.

Em Minas Gerais, a área plantada foi ajustada para 442,8 mil hectares, superando a safra anterior em 5,3%. Houve atraso no plantio das lavouras em razão do atraso da colheita das lavouras da safra de verão. As lavouras se encontram em distintas fases de desenvolvimento, pois houve plantio desde o final de fevereiro até a primeira quinzena de abril, portanto, fora da janela ideal de plantio, visto que o desenvolvimento vegetativo ocorreu sob boas condições climáticas.

Em São Paulo, as lavouras já dão sinais de quebra no potencial produtivo em decorrência da ausência de chuvas ao longo de todo o desenvolvimento da cultura. O forte incremento observado na área plantada de 7,5%, atingindo 530,8 mil hectares, não foi suficiente para compensar os efeitos adversos do clima, e a produção ora estimada totaliza 2.293,1 mil toneladas, com redução de 12,9% em relação ao obtido no exercício passado.

Na Região Sul, a área plantada apresentou leve incremento nesta temporada em virtude do desempenho previsto no Paraná, único produtor regional, bastante afetado pelas péssimas condições do clima.

No Paraná, a longa estiagem resultará em redução de produtividade em 16,2% em relação à safra passada. As chuvas recentemente ocorridas vieram beneficiar somente as lavouras mais tardias. A colheita iniciou em junho, atingindo apenas 6% da área total e deve sofrer atrasos em razão das chuvas ocorridas, que elevaram a umidade nos grãos. A previsão é que se colha metade das lavouras em julho, com conclusão somente na primeira semana de setembro. Apesar dos bons preços, o percentual comercializado antecipadamente é de apenas 31%. O produto colhido apresenta boa qualidade.



Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra

UF	Mesorregiões									
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Leste Rondoniense - RO	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO		P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	C
MA	Sul Maranhense - MA		P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	C
PI	Sudoeste Piauiense		P/G	DV/F	F/FR	FR	FR/M	C		
CE	Noroeste Cearense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Cearense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sertões Cearenses		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Jaguaribe		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Centro-Sul Cearense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sul Cearense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
RN	Oeste Potiguar		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Agreste Potiguar			P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
PB	Sertão Paraibano		PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Agreste Paraibano			P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
PE	Sertão Pernambucano		PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
MT	Norte Mato-grossense - MT	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
GO	Leste Goiano - GO		P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - GO	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG		P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
SP	Assis - SP	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Itapetininga - SP	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
PR	Noroeste Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Centro Ocidental Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Norte Central Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Oeste Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

6.1.8.3. MILHO TERCEIRA SAFRA

A Conab passa a realizar o monitoramento das lavouras em regiões consideradas como novas fronteiras agrícolas. Nessas localidades, o plantio se concentra no período que se estende de maio a junho, assemelhado ao que acontece com as lavouras plantadas no hemisfério norte. Estamos nos referindo às produções localizadas nas regiões de Selva (Sergipe, Alagoas, nordeste da Bahia) e também aquelas nas áreas situadas acima da linha do equador, como Roraima e Amapá. Para a terceira safra, as estimativas iniciais para a temporada 2019/20 dão conta de uma área plantada em torno de 519,8 mil hectares, que, a depender das condições climáticas, poderá atingir uma produção de 1.459,1 mil toneladas, incremento de 19,7% em relação à safra passada.

Na Bahia, as lavouras de milho terceira safra são cultivadas na região nordeste, sobre o regime hídrico das chuvas de inverno. Esse cereal deverá ocupar a área de 231,1 mil hectares, com a expectativa de produzir 499,2 mil toneladas de grãos. Os plantios foram finalizados, e a colheita deve ser iniciada em outubro. Cerca de 76% do milho terceira

safra será produzido com a utilização de elevado aporte tecnológico, esta produção é destinada ao setor granjeiro (aves e porcos) da Bahia e demais estados da região nordeste do país. O setor produtivo estima que a produção seja suficiente para abastecer por quatro meses as granjas da Bahia e Pernambuco. Os outros 24% da produção são cultivados com menor uso de tecnologia por pequenos produtores, destinada à subsistência das famílias agrícolas e suas criações. É comum o cultivo consorciado de lavoura de milho com feijão. Os pequenos produtores deste perfil produtivo não acessam o crédito rural para o custeio da lavoura.

Em Sergipe, estima-se o crescimento de 5,8% na área plantada em relação à safra 2019, com o cultivo atingindo 156,5 mil hectares. Estima-se produção de 780 mil toneladas, cerca de 1,6% superior ao da safra anterior. Com relação aos dados obtidos, cerca de 100% das áreas já foram semeadas, e atualmente se encontram no estágio de desenvolvimento vegetativo. No geral, o aspecto é bom, sem relato de pragas ou doenças. É importante destacar



que as chuvas estão ocorrendo de forma bem distribuídas, favorecendo o desenvolvimento vegetativo. Salienta-se a importância da manutenção deste cenário especialmente nos próximos 30 dias, período em que ocorrerá o apodamento e florescimento das áreas, de forma a consolidar a produtividade.

Em Alagoas, o plantio se encontra finalizado. Em relação ao levantamento anterior, não foram obtidos dados consistentes sobre aumento na área em virtude das dificuldades operacionais para obtenção dos dados, por conta da pandemia. A perspectiva dos grandes produtores é de aumento na produção, pois as condições climáticas estão bastante favoráveis, impulsionadas pelo valor atual do produto. A desvalorização cambial e a facilidade de escoamento da produção na região são estímulos para uma grande rentabilidade, o que está gerando a migração de grandes produtores de outros estados para o nordeste. O plantio do milho se encontra em processo de finalização, com exceção das áreas afetadas pelo fator climático. O estágio predominante das lavouras é o de desenvolvimento vegetativo, por conta do plantio realizado pelos grandes produtores em abril.

Em Roraima foi mantida a área estimada de 13.000 hectares, lembrando que o milho empresarial não ocorre após o plantio da soja, em vista do período de chuvas muito curto, devendo o produtor optar pelo plantio da oleaginosa ou do cereal. A maioria dos produtores do milho empresarial também plantam soja em áreas distintas e na mesma janela de plantio.

Consolidando as informações referentes às três safras do cereal, a estimativa nacional de plantio na temporada 2019/20 deverá apresentar uma área de 18.440 mil hectares, contra 17.492,9 mil hectares da safra passada, representando acréscimo de 5,4%. As estimativas de produção, em razão das condições climáticas que prejudicaram o bom desempenho das lavouras, totalizaram 100.559,5 mil toneladas, com aumento de 0,5% sobre o exercício passado.

Quadro 10 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho terceira safra

UF	Mesorregiões												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PE	Agreste Pernambucano - PE	FR/M	M/C	C					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR
SE	Agreste Sergipano - SE	M/C	M/C	M/C	C				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR
BA	Nordeste Baiano - BA	M/C	M/C	M/C	C	C			P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

6.1.9. SOJA

Nesta safra, a área plantada da soja brasileira cresceu 3% em relação à safra passada, saindo de 35.874 mil hectares para 36.944,9 mil hectares. Esse comportamento encontrou respaldo na forte liquidez que o produto apresenta na sua comercialização, no comportamento atual do câmbio e na expectativa futura com a oleaginosa. A produção brasileira nesta temporada deverá atingir 120.883,2 mil toneladas, representando aumento de 5,1% em relação ao período anterior.

6.1.9.1. REGIÃO NORTE-NORDESTE

Chuvas em atraso e irregulares caracterizaram o início da safra nessa região. A partir de janeiro, com a normalização do clima, observou-se uma melhora significativa das lavouras, resultando numa boa safra para o exercício 2019/20.

Em Rondônia, a área cultivada com soja de primeira safra foi de 348,4 mil hectares. Com o advento da soja safri-

nha, a semeadura inicia em setembro/outubro, para assim otimizar a janela de semeadura da segunda safra, seja ela de milho, soja ou algodão. A área plantada de soja segunda safra nesta temporada deverá atingir 20.268 hectares. Nesse contexto, a área total implantada com ambas safras atingiu 348,5 mil hectares. A produtividade de ambas safras está estimada atingir 3.365 kg/ha, apresentando incremento de 1,2%, se comparado à safra passada, que fora de 3.324 kg/ha. Esse ligeiro incremento na produtividade se deve basicamente ao nível tecnológico empregado, além da melhor distribuição de chuvas durante a primeira safra. A produtividade da segunda safra girou em torno de 2.621 kg/ha. A produtividade é menor no segundo ciclo porque foram menores as precipitações climáticas. A produção apresentou forte aumento de 5,7% se comparada à safra anterior, totalizando 1.172,4 mil toneladas, reflexo do aumento da área e produtividade.

No Pará foram colhidas 1.861,1 mil toneladas de soja, 8,9% acima do ocorrido na safra passada. A região sudeste, cor-



tada pela rodovia Belém-Brasília, é a maior produtora com 57,37% da área colhida. Paragominas é o maior município produtor, com área colhida de 167 mil hectares. Em todo o estado a colheita da soja foi encerrada. A produtividade ficou em 3.064 kg/ha com leve incremento em relação à safra passada. A safra está sendo escoada por meio do porto de Barcarena.

Em Tocantins, os níveis de produtividades das lavouras atingiram 3.168 kg/ha, incremento de 11,2% em relação ao exercício passado. A safra 2019/20 só não alcançou recorde histórico devido ao atraso na época do plantio e ao excesso de chuvas na colheita das lavouras mais tardias. Com relação à soja subirrigada, o plantio foi concluído na primeira quinzena de junho. A lavouras se encontram entre a fase de desenvolvimento vegetativo e início de florescimento. Essa amplitude nos estágios é justificada pelo número de variedades semeadas, uma vez que toda a área de soja subirrigada é destinada à produção de sementes. Até o momento não foram observados problemas fitossanitários nas lavouras.

No Maranhão, a colheita da principal oleaginosa produzida se encontra finalizada em todas as regiões pesquisadas. Especificamente, na região de Chapadinha e do Baixo Parnaíba, o plantio foi realizado entre a última semana de dezembro de 2019 e fevereiro de 2020. A colheita foi encerrada na segunda quinzena de junho, levemente atrasada pelas chuvas que ocorreram nesse período. Produtores relataram que a safra ocorreu dentro da normalidade, e a produtividade média obtida não foi maior devido ao excesso de chuvas durante todo o ciclo da planta. A comercialização dessa safra foi praticamente finalizada. Neste levantamento a área plantada apresentou redução na ordem de 1,6% em comparação à safra 2018/19, passando de 992,6 mil hectares para 976,4 mil hectares, em razão da forte influência dos veranicos ocorridos na região sul do estado. A produtividade média está em torno de 3.170 kg/ha, que representa um incremento de 7,8% em relação à safra anterior.

No Piauí, o plantio da soja foi iniciado a partir da segunda quinzena de outubro de 2019, depois do encerramento do período de vazios sanitários e se estendeu até o final de janeiro, na região norte do estado. A irregularidade e baixa intensidade das precipitações pluviométricas no início do período chuvoso, quando da implantação da cultura, ocasionaram um replantio de 11% das áreas de soja. Pouco mais da metade da área total replantada foi migrada para milho, pois a janela ideal de plantio da soja já havia encerrado, e o milho, na ocasião, apresentava condições de mercado bastante favoráveis ao produtor. Dessa forma a área efetivamente plantada foi de 758,9 mil hectares, aumento de 0,1% em relação à safra passada. Esse incremento ficou aquém da expectativa inicial, que era de um aumento de área mais substancial. Após as intempéries climáticas na fase de implantação da lavoura, as chuvas retornaram com

boa intensidade e regularidade, tornando a umidade adequada para o desenvolvimento da cultura. Até a semana deste levantamento 99% da safra atual já havia sido colhida. Espera-se uma produtividade superior em 2,2% ao observado na safra anterior, atingindo 3.129 kg/ha.

Na Bahia, as lavouras de soja ocuparam nesta safra a área de 1,62 milhão de hectares, e a produção foi estimada em 6 milhões de toneladas de grãos. Registrou-se aumento de 2,5% na área cultivada, aproximadamente 40 mil hectares, expansão ocorrida sobre áreas de algodão e de pousio. A colheita foi finalizada, com relatos pontuais de grãos ardidos devido às chuvas. As áreas colhidas apresentaram ótimos rendimentos, com relatos de produtividades variando de 3.600 kg/ha a 4.200 kg/ha, encerrando com a média de 3.720 kg/ha, obtendo a segunda melhor safra da história.

6.1.9.2. REGIÃO CENTRO-OESTE

Houve incremento na área plantada de 3,3% em relação ao verificado no plantio passado, atingindo 16.640,1 mil hectares. O bom desempenho do clima nos diversos estados contribuiu para que a produção atingisse o nível recorde de 58.897,9 mil toneladas, incremento de 11,9% em relação ao período 2018/19.

Em Mato Grosso, a produção atingiu o recorde de 35.434,5 mil toneladas, 9,2% maior que as 32.454,5 mil toneladas colhidas no último ciclo. A produtividade média bastante expressiva, de 3.542 kg/ha, atingiu alta de 5,9% em relação aos 3.313 kg/ha, auferidos na última safra. As condições climáticas favoráveis ao longo de toda a safra e também os maiores investimentos atrelados à soja impulsionaram o resultado. Neste momento, as atenções se voltam às questões comerciais. O fato da lavoura de milho, colhido na segunda safra, também estar apresentando atratividade em relação aos preços de mercado, induziu à intensificação do escoamento da safra de soja, de modo a se liberar espaço para o milho nos armazéns e nos corredores de exportação, fatores que têm contribuído para a aceleração dos negócios com soja.

Em Mato Grosso do Sul, a área plantada com a cultura atingiu 3,016,4 milhões de hectares e a produtividade 3.550 kg/ha. A qualidade do produto colhido foi boa e a distribuição equilibrada das chuvas, em todas as fases da lavoura, foi decisiva para que não houvesse descontos acentuados, por conta de grãos fora do padrão. A comercialização da soja avançou em junho, com uma estimativa atual de 91% de grãos comercializados. Os preços têm estimulado os produtores a venderem o produto, aproveitando o momento do dólar valorizado. Já há contratos firmados para a safra 2020/21, com uma estimativa de comercialização de aproximadamente 40%.

Em Goiás, a comercialização da produção de soja na sa-



fra 2019/20 se estabilizou em relação ao último levantamento, estimada em aproximadamente 90%. Na região sudoeste, principal região produtora, o volume já comercializado da produção esperada para a safra 2020/21 aumentou, alcançando 47% na região. Na região leste em torno de 95% da soja já foi comercializada, com rendimento médio de 3.516 kg/hectare.

6.1.9.3. REGIÃO SUDESTE

Na Região Sudeste, a área plantada com a oleaginosa apresentou a maior elevação percentual dentre as regiões, com incremento de 7,2% em relação ao período anterior, quando foram plantados 2.757,1 mil hectares. A produção alcançada foi de 9.945 mil toneladas, representando aumento de 21,6%.

Em Minas Gerais, em razão das condições climáticas excepcionais, houve aumento substancial da produtividade média estadual, atingindo 12,8% em comparação com a safra anterior, atingindo 3.634 kg/ha, no fechamento da safra.

6.1.9.4. REGIÃO SUL

Ocorreu incremento na área plantada de 1,7% em relação ao observado no exercício anterior. A região saiu do patamar de 11.879,6 mil hectares para 12.085,1 mil hectares, na temporada 2019/20.

No Rio Grande do Sul, encerrada as operações envolvendo o manejo da safra de soja, foram confirmados os maus resultados em virtude da severa seca que acometeu o estado durante boa parte do ciclo da cultura. A produtividade média

do estado foi mantida em 1.839 kg/ha, chegando a 44,6% de perdas em relação à safra anterior.

Em Santa Catarina, a colheita foi finalizada desde meados de junho, quando as últimas lavouras localizadas na região extremo-oeste foram colhidas. O balanço geral da safra aponta uma queda na produtividade esperada inicialmente por conta da estiagem ocorrida em todo o território catarinense ao longo do ciclo da cultura. As maiores reduções ocorreram no planalto sul e meio oeste, região de maior altitude, e onde a semeadura ocorre de forma mais tardia. Nestas regiões houve grande variação de rendimentos, quando foi observado níveis de produtividades entre 1.800 kg/ha e 3.120 kg/ha. Nas demais regiões, como extremo-oeste e planalto norte, as produtividades ficaram próximas do normal, já que o clima foi mais favorável para as lavouras semeadas no início da primavera. Em termos gerais, verificou-se uma redução próxima de 7,7% na produtividade e 5,4% na produção em relação ao obtido na safra passada.



Quadro 11 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (safra 2019/20)

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RR	Norte de Roraima								PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C
RO	Leste Rondoniense		P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C					
PA	Sudeste Paraense			PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	C		
TO	Ocidental do Tocantins		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P/G	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV/F	FR/M	FR/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	FR/M	FR/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C			
	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



6.1.10. SORGO

A área total de sorgo é estimada em 808,7 mil hectares, e deverá apresentar um aumento de 10,4% em relação ao efetivado na temporada anterior. É estimado que o Brasil produza 2.631 mil toneladas nesta safra, aumento de 20,9% em relação à safra passada.

No Pará, o sorgo vem crescendo a cada safra, para este levantamento a produção ficou em 47.300 mil toneladas, sendo 37,1% maior que a safra 2018/19. O sorgo no estado sucede as principais culturas como soja e milho, ocupando as áreas como safrinha. Os grãos têm sido comercializados com produtores de bovinos para alimentação dos plantéis.

Em Tocantins, a colheita já passa de 45% da área estimada, e o restante se encontra pronta para colheita e em fase final de maturação. As produtividades alcançadas continuam apresentando grande variação pelo estado, de 25 até 60 scs/ha. Essa variação é justificada pelo uso ou não de tecnologia de acordo com a época e região de plantio, principalmente na seleção de sementes, com parte dos produtores utilizando sementes salvas e outros semeando híbridos. Espera-se uma redução de 5,2% da produtividade em relação à safra passada.

No Piauí, a lavoura de sorgo no estado é plantada como cultura de segunda safra, em sucessão à soja. O plantio ocorreu entre o final de março e início de abril. Atualmente a cultura se encontra predominantemente em estágio reprodutivo e, por ser uma cultura mais rústica, e que apresenta menor exigência hídrica que o milho, os produtores optaram por investir nessa cultura. Com isso, a área levantada atingiu 28,5 mil hectares, redução de 5% em relação à safra anterior. A produtividade esperada gira em torno de 2.000 kg/ha. Atualmente a cultura se encontra predominantemente na fase de maturação.

No Rio Grande do Norte, a cultura do sorgo, com dupla aptidão, vem se tornando uma das principais alternativas de alimentos volumosos para os rebanhos, sobretudo os bovinos, já que a maior parte da produção da planta vai para ração animal (forragem). Como o levantamento considera somente o sorgo granífero, estima-se na presente safra uma área de 600 hectares, contra 700 hectares da safra passada, ou seja, uma redução de 8,6%. A produção estimada do grão será 25% menor que a safra 2018/19.

Na Paraíba, por fatores econômicos, os produtores tradicionalmente cultivam o sorgo para forragem, destinado à formação de silagem para consumo dos seus rebanhos. Em relação ao sorgo granífero, registra-se a área de 200 hectares e produtividade de 1.600 kg/ha, 5,9% menor que na safra passada.

Na Bahia, estima-se que sejam cultivados 81,4 mil hectares, redução de 22,4% em relação à safra passada, e um aumento

de 95,6% na produtividade em relação ao ano anterior. Essa redução na área do sorgo registrada no centro-sul do estado, motivada por sucessivos anos agrícolas com estiagem, em que os produtores optaram pela produção de silagem de sorgo ou invés de colher o grão.

No extremo-oeste, os plantios foram realizados durante maio, em sucessão às lavouras de soja. As lavouras seguem em estágio de desenvolvimento vegetativo.

Em Mato Grosso, calcula-se que 45% do sorgo tenha sido colhido até o encerramento de junho, e o restante dos trabalhos se estenderá por julho. Registra-se algum incremento marginal de área na reta final da opção pela cultura, cujo montante soma 46,4 mil hectares, 42,8% superior aos 32,5 mil hectares do último ciclo.

Sendo o sorgo um produto substituto ao milho, a conjuntura de preços elevados desta commodity e de demanda elevada desta tem refletido no sorgo, que também observa um aumento em sua demanda e o produtor visualiza a possibilidade de colher o produto e aguardar um momento melhor para comercializá-lo no segundo semestre, de modo a aproveitar melhores oportunidades comerciais. O sorgo é uma cultura mais resistente ao clima seco, e sua produtividade média é estimada em 2.961 kg/ha.

Figura 19 - Sorgo em maturação no município de Diamantino – MT



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso do Sul, por ser uma cultura rústica não houve um grande impacto na produtividade por causa do estresse hídrico, como ocorreu para o milho.

Apesar do baixo índice de pragas, foi relatado em Anaurilândia um ataque de pulgão (*Schizaphis graminis*), que apresentou dificuldade de controle, sendo necessário aumento de doses e substituição de produtos por baixa eficiência de controle. Em Naviraí ocorreu a lagarta *Spodoptera frugiperda*, mas com boa eficiência dos defensivos nas aplicações necessárias.

Na região norte e nordeste do estado, onde se concentra a



maior produção, o cereal foi semeado logo após o término do plantio do milho segunda safra, e os produtores esperam a colheita para negociar com os compradores locais e de São Paulo para a fabricação de ração animal. Nesta safra o milho também foi outra opção com menores custos de produção e características nutritivas interessantes, substituindo algumas áreas da safra passada que produziram sorgo.

Praticamente todas as lavouras já passaram da fase crítica para o acometimento da doença açucarada, dessa forma, as produtividades esperadas são animadoras diante do investimento aplicado nos cultivos. No final de junho, 10% das áreas estavam em floração, 65% em enchimento de grãos e 25% em maturação. Estima-se uma produtividade de 3.800 kg/ha, sendo 26,7% superior à safra passada.

Em Goiás, as lavouras de sorgo se encontram, de forma geral, em condições boas a regulares, com algumas áreas em condições ruins. Ocorrem relatos pontuais que cerca de 5% das áreas implantadas em Caiapônia (cerca de 200 hectares) provavelmente não serão colhidas devido a problemas como ataque do pulgão amarelo da cana-de-açúcar, plantio tardio e variedades pouco adaptadas à região, inviabilizando o custo da operação. Algumas áreas pontuais do leste do estado foram atingidas severamente pelo pulgão amarelo da cana-de-açúcar, as quais podem obter uma produtividade abaixo de 3.000 kg/ha. A comercialização é de aproximadamente 60%.

De maneira geral, a estimativa de produtividade do sorgo é de 3.660 kg/ha, 3,2% menor que produtividade da safra passada.

No Distrito Federal, as lavouras se encontram em estádios de granação (60%) e desenvolvimento vegetativo (40%). A área deverá ser incrementada em 38,6%, comparando com

a safra passada, saindo de 5,7 mil hectares para 7,9 mil hectares. A produtividade média deverá alcançar 4.516 kg/ha, resultando em uma produção de 35,7 mil toneladas, 31,3% superior à obtida na safra anterior. O incremento na produção se dá, principalmente, pelo aumento na área plantada, substituindo lavouras de trigo.

Figura 20 - Lavoura de sorgo em granação no Distrito Federal



Fonte: Conab.

Em Minas Gerais, a área é estimada em 197,4 mil hectares, e uma produtividade de 3.907 kg/ha, com lavouras em fase de enchimento de grãos, passando para maturação. A estimativa é que a colheita inicie na segunda quinzena de julho.

Em São Paulo, para minimizar riscos maiores de perdas nas lavouras, o produtor tem optado pelo cultivo do sorgo, por sua rusticidade, resistência e tolerância a períodos de baixa umidade do solo. Precisamente entre Paranapanema e Itapeva há produtores que estão investindo no sorgo como uma segunda opção. Há um crescimento na área de 1,5% e redução de 0,9% na produtividade.



Quadro 12 - Histórico das condições hídras gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Sorgo

UF	Mesorregiões	Sorgo									
		NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Vale São-Franciscano da Bahia	P	P/G/DV	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C		
MS	Leste de Mato Grosso do Sul				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MT	Nordeste Mato-grossense				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
GO	Centro Goiano				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Leste Goiano				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
DF	Distrito Federal				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SP	Ribeirão Preto				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

6.2. CULTURAS DE INVERNO

A semeadura tem avançado nas regiões produtoras das culturas de inverno, e a estimativa inicial de incremento em área plantada tem se confirmado. De maneira geral, as condições climáticas estão mais favoráveis, incentivando maior destinação de área para o cultivo desses cereais. Ao todo, são esperados cerca de 2.919,5 mil hectares semeados nes-

ta safra, representando acréscimo de 6% em comparação à temporada passada. Com isso, a estimativa de produção também aponta para um resultado superior àquele obtido em 2019, podendo chegar a 7.900,3 mil toneladas produzidas.

6.2.1. AVEIA BRANCA

Em Mato Grosso do Sul, as condições climáticas se mostraram favoráveis nas últimas semanas para a implantação e desenvolvimento das lavouras de aveia. De maneira geral, cerca de 15% delas estão em estágio de desenvolvimento vegetativo, 35% em floração e 50% já em granação. Foram cerca de 45 mil hectares semeados (20,6% superior a 2019) nesse ciclo, com perspectiva de produção na ordem de 90 mil toneladas, representando acréscimo de 99,6% em comparação à safra anterior, principalmente em razão das melhores condições climáticas visualizadas nesse ano.

No Paraná, o plantio da cultura está em fase avançada, com mais de 90% dos 88,2 mil hectares já executados. A expectativa é que as atividades sejam finalizadas até julho, especialmente nas regiões mais frias do estado, que

apresentam uma semeadura mais tardia. Atualmente, as lavouras já implantadas estão em estágio de desenvolvimento vegetativo e início de floração, apresentando boas condições fitossanitárias.

No Rio Grande do Sul, as condições climáticas registradas em junho permitiram o avanço da semeadura, que foi concluída ao final do mesmo mês, alcançando 298,8 mil hectares, representando incremento de 10,2% em relação a 2019. As lavouras estão predominantemente em fase de germinação (30%) e desenvolvimento vegetativo (66%), além de uma pequena parcela (4%) já em estágio de florescimento. As lavouras apresentam bom desenvolvimento e boa sanidade, até o momento.



Quadro 13 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Aveia

UF	Mesorregiões	Sorgo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MT	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Ocidental Paranaense				PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Central Paranaense				PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
PR	Centro Oriental Paranaense					PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

6.2.2. CANOLA

No Paraná, a cultura é semeada em regiões distintas, mantendo maior concentração das lavouras no centro-sul, centro-oriental e norte pioneiro. Desde o fim de maio o plantio foi concluído no estado, a área plantada apresentou redução de 66,7%, ficando em 300 hectares. As condições das lavouras estão, em sua maioria, boas e médias, com perspectiva de produção na ordem de 500 toneladas.

O Rio Grande do Sul é o grande produtor da cultura em âmbito nacional. O estado concentra grande parte da sua produção na região das Missões, apresentando uma semeadura mais precoce que a visualizada nas demais regiões. De maneira geral, o plantio já foi concluído, e a destinação de área chegou a 34,8 mil hectares, sinalizando incremento de 5% em comparação à temporada anterior. Atualmente as lavouras estão em fase de germinação (9%), desenvolvimento vegetativo (83%) e floração (8%).

6.2.3. CENTEIO

No Paraná, o plantio do centeio está em andamento, com projeção de destinação de 3,2 mil hectares. Tal número indica aumento de 26% na área plantada em comparação à temporada passada. Essa variação pode ser creditada aos benefícios que o cereal traz, tanto pelos seus aspectos

nutricionais na alimentação humana, bem como nos quesitos agrônômicos, com a constituição de uma boa cobertura superficial ao solo por meio de sua palhada, além de melhor ciclagem dos nutrientes.

6.2.4. CEVADA

No Paraná, a expectativa é de aumento na área plantada em 3,3% em comparação a 2019, chegando a 62,7 mil hectares semeados nesta safra. Tal variação pode ser explicada pelo fomento por parte das maltarias ao cultivo do cereal. Até o momento, cerca de 66% da área estimada está semeada e a maior parte das lavouras já implantadas se encontram em fase de emergência. O clima está favorável à cultura, visto que, por ser plantada mais tarde, não foi atingida pela estiagem registrada no estado em maio.

ada de 53% alcançando cerca de 700 hectares. Até o final de junho, cerca de 90% dessa área estimada já estava efetivamente semeada, devendo ter as operações de semeadura finalizadas no início de julho.

Em Santa Catarina, devido aos baixos resultados obtidos em alguns municípios na safra passada e aos preços mais atrativos do trigo, prevê-se uma diminuição na área seme-

No Rio Grande do Sul, a semeadura está em andamento, alcançando cerca de 85% dos 49,3 mil hectares previstos para esta safra. Essa área estimada sinaliza diminuição em comparação a 2019, especialmente pela maior destinação de área ao cultivo de trigo em detrimento da cevada. Até o momento, as condições climáticas se apresentam adequadas para a implantação das lavouras e desenvolvimento da cultura.



6.2.5. TRIGO

Na Bahia, o plantio foi iniciado na segunda quinzena de junho, devendo se estender até julho, alcançando uma área total semeada de 3 mil hectares. A região produtora está localizada principalmente entre os municípios de Barreiras, Luís Eduardo Magalhães, Riachão das Neves, São Desidério e Formosa do Rio Preto, uma vez que nessas regiões as condições edafoclimáticas são consideradas adequadas ao desenvolvimento do cereal.

Em Mato Grosso do Sul, as lavouras vêm se desenvolvendo adequadamente, visto que 10% delas estão em estágio de desenvolvimento vegetativo, 30% em floração e 60% em enchimento de grãos. A área plantada foi de 32 mil hectares, representando incremento de 17,6% em relação à 2019. Quanto à produção, a expectativa é de aumento ainda maior, devendo alcançar 73,6 mil toneladas (crescimento de 69,2% em comparação à temporada passada).

Figura 21 - Lavoura de trigo em Ponta Porã - MS



Fonte: Conab.

Em Goiás, o trigo é cultivado tanto em condições irrigadas (sistema pivô central) como em sequeiro, visto que nesta temporada, a proporção deve ser de 50% da área plantada em cada um desses sistemas de manejo. No geral, a destinação de área foi menor em comparação à temporada anterior, saindo de 32,4 mil hectares em 2019 para 23,1 mil hectares nesta safra. Grande parte dessa redução está relacionada à opção de cultivar outras culturas sob pivô, como o feijão, em detrimento da produção de trigo, reduzindo a proporção das áreas irrigadas. Assim, a produtividade média tende a decrescer em comparação à temporada anterior, estando atualmente estimada em 4.300 kg/ha (redução de 12,2%). As lavouras apresentam boas condições fitossanitárias e têm se beneficiado do clima adequado ao desenvolvimento da cultura.

No Distrito Federal houve aumento na área plantada, especialmente em razão dos melhores preços pagos pelo produto nesta safra em comparação com o ciclo anterior. Foram 2,6 mil hectares destinados à produção de trigo (acréscimo

de 8% em relação a 2019), com o cultivo sendo manejado tanto em condições de sequeiro como irrigado. As lavouras de sequeiro estão apresentando desenvolvendo satisfatoriamente, até o momento, favorecidas pelo clima considerado adequado à cultura, bem como a ausência de doenças e pragas. Já para o trigo irrigado, que ainda está em fase de plantio, as estimativas indicam leve aumento de área e de produtividade, visto que as temperaturas estão mais baixas.

Em Minas Gerais, a triticultura é manejada tanto em condição de sequeiro como em sistema irrigado. De maneira geral, as lavouras de sequeiro já foram semeadas e estão em fase de desenvolvimento vegetativo, migrando para o início da frutificação. Já as áreas destinadas ao cultivo irrigado tiveram uma semeadura mais tardia, porém já finalizaram seu plantio. Ao todo foram aproximadamente 83,3 mil hectares destinados à triticultura nesta safra, simbolizando diminuição de área plantada em comparação à 2019, na ordem de 5,3%. As condições climáticas registradas, até o momento, têm sido benéficas ao desenvolvimento das lavouras, visto que a maior parte delas já se encontra em fase de floração e frutificação.

Em São Paulo, a semeadura apresentou atraso em comparação à safra anterior, mas concluiu suas operações ainda em junho. As melhores condições de mercado para a comercialização do cereal estimularam os produtores e, com isso, houve maior destinação de área para a triticultura neste ciclo. Foram aproximadamente 85,5 mil hectares semeados nesta temporada, indicando incremento de 10,5% em comparação à 2019. As lavouras estão em desenvolvimento, apresentando boas condições, mesmo com a ocorrência de plantio além da janela ideal (que para o estado é em maio).

No Paraná, o plantio foi finalizado na região norte do estado, enquanto que na região sul as operações de semeadura seguem em andamento. De modo geral, a área total cultivada deverá ter acréscimo de 10,4% quando comparada à safra anterior, principalmente em razão dos bons preços pelo cereal atualmente, bem como a tradição do estado com a triticultura. Quanto ao desenvolvimento das lavouras, é possível observar que as áreas semeadas mais cedo sofreram mais com a falta de chuvas, causando desuniformidade na germinação. No entanto, as condições climáticas atualmente são favoráveis, fazendo com que o maior percentual das lavouras seja considerado bom. A colheita deverá iniciar em agosto e se estender até dezembro, com estimativa de produção inicial na ordem de 2.995 mil toneladas, em aproximadamente 1.130,2 mil hectares semeados.

Em Santa Catarina, a semeadura do trigo está em andamento, com cerca de 48% da área cultivada até o fim de junho. De maneira geral, espera-se uma área plantada de 54,5 mil hectares nesta safra, indicando aumento de 7,9% em relação à 2019. Tal variação se baseia em alguns fatores como as



dificuldades encontradas pelos produtores catarinenses nas culturas de primeira safra em razão dos problemas climáticos, gerando maior expectativa nesta safra de inverno, o aumento do preço do trigo devido à baixa oferta, além do fomento por parte do setor público e da própria iniciativa privada. Até o momento, as condições das lavouras já implantadas são boas, uma vez que cerca de 70% delas se encontram em estágio de emergência, 27% em perfilhamento e 3% em alongamento.

No Rio Grande do Sul, as condições climáticas de junho propiciaram maior avanço nas operações de semeadura, que chegou a 88% da área cultivada, para os 905,2 mil hectares previstos nesta safra. As lavouras já implantadas apresentam boa qualidade e a projeção é de produção superior àquela alcançada no ano passado, especialmente pelo importante incremento na área plantada (cerca de 23%)

Quadro 14 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Trigo

UF	Mesorregiões	Trigo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
SP	Itapetininga				P	DV	F	FR	M/C	C			
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					PP	PG/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SC	Oeste Catarinense					P	P/G/DV	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Catarinense					P	P/G/DV	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Serrana					P	P/G/DV	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					P	P/G/DV	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

6.2.6. TRITICALE

Em São Paulo, a área plantada com a cultura apresentou acréscimo de 5% em relação à safra anterior, chegando a 3,6 mil hectares semeados. A produtividade média projetada é de 2.900 kg/ha, perfazendo uma produção de 10,4 mil toneladas.

No Paraná, o plantio está em andamento, devendo alcançar

6,3 mil hectares semeados. O clima está favorável à cultura e as lavouras já implantadas apresentam boas condições. Houve pequena queda na área em relação ao ano passado em razão do aumento da área de cultivo de trigo, visto que os produtores têm expectativas de obterem maiores lucros com essa última cultura com o triticale nesta safra.





7. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

7.1. ALGODÃO

De acordo com o Ministério da Economia, o Brasil exportou 56,7 mil toneladas nos 21 dias úteis de junho. Volume 15% inferior ao mesmo período de junho de 2019 e 19% inferior ao embarcado no mês passado. Considerando o período comercial de julho de 2019 a junho de 2020, os dois últimos meses foram os únicos em que o desempenho foi pior que no período anterior.

A performance das exportações nos últimos 12 meses foi excepcional, com o setor conseguindo exportar 1,97 milhão de toneladas, quantidade 49% superior ao embarcado de julho de 2018 a junho de 2019. Esse volume indica que se exportou mais de 90% entre o saldo de produção e consumo interno. Portanto, fica claro o efeito da pandemia na redução na demanda externa nos últimos meses, período em que novos negócios ficaram escassos. Daqui para frente, o ritmo das exportações ficará dependente do nível de abertura das economias mundiais e, conseqüentemente, do varejo. Para o ano civil de 2020, a Conab estima que o país exporte 1,7 milhão de toneladas, ante os 1,97 milhão verificados em 2019.

Além da abertura das economias pelo mundo, que afeta diretamente a demanda pela pluma brasileira, um novo capítulo do impasse comercial entre Estados Unidos e China, maior vendedor e maior comprador de algodão do mundo, respectivamente, tem potencial para mudar drasticamente o mercado doméstico brasileiro. Isso, por que

qualquer tipo de taxaço do país asiático em relação à pluma norte-americana gera um direcionamento da demanda chinesa para o algodão brasileiro. Somada a isto, tem-se a previsão de seca para julho no Texas, maior estado produtor, e a queda da área plantada em 11% nos Estados Unidos. Esses três fatores serão cruciais para os agentes desenharem os cenários futuros.

Em relação à demanda interna, a reabertura do varejo é

7.2. ARROZ

Apesar da reduzida safra 2018/19, a significativa retração do consumo, identificada no período de comercialização de tal safra, refletiu em preços próximos da estabilidade, com ameno viés de alta em virtude do significativo saldo da balança comercial do arroz. Como resultado, nota-se, pela terceira safra consecutiva, uma redução nas estimativas de estoques de passagem do setor.

Para a próxima safra 2019/20, com a expectativa de expansão (+6,5%) do volume colhido, com uma balança comercial superavitária estimada em 400 mil toneladas e com crescimento do consumo (+5,0%), projeta-se preço elevado ao longo de todo o período de comercialização da nova safra.

Especificamente sobre o incremento esperado de consumo, com o prolongamento da crise da Covid-19 e o isolamento social de parte da população, identifica-se um aumento na alimentação em domicílio, o que seguramente refletirá em aumento de consumo de arroz.

7.3. FEIJÃO

Embora a pesquisa da Conab sinalize um quadro folgado em relação a abastecimento, com previsão de aumento no estoque de passagem, as condições climáticas em julho serão de suma importância para as culturas conduzidas no regime de sequeiro, vez que boa parte das lavouras entra no estágio de floração, período muito exigente em água.

Há de se mencionar que a Região Nordeste não é autossuficiente na produção, no entanto, a boa safra contribuiu para

7.3.1. FEIJÃO-COMUM PRETO

A oferta decrescente do feijão-comum preto, a queda da temperatura na Região Sul e a expressiva diferença de preços em relação ao feijão-carioca, criam uma expectativa de valorização desse produto. Já em relação à balança comercial, a redução nas importações é reflexo da forte valorização do dólar frente ao real.

um alento à indústria, porém a situação da pandemia é crítica em muitas regiões do país, o que pode gerar retrocessos pontuais. Depois da expectativa do país consumir internamente cerca de 700 mil toneladas em 2020, o volume previsto caiu para cerca de 640 mil toneladas.

Em relação à balança comercial, depois de um superavit de 865,1 mil toneladas na safra 2017/18, houve uma retração do superavit para 323,1 mil toneladas. Para a safra 2019/20, de março de 2020 até fevereiro de 2021, projetam-se uma exportação de 1,5 milhão de toneladas e uma importação de 1,1 milhão de toneladas, com a perspectiva de forte demanda internacional e preços nacionais competitivos no mercado internacional.

No acumulado do período comercial atual, de março de 2020 a maio de 2020, já se contabiliza um superavit de 481,5 mil toneladas. Logo, para os próximos meses é esperada uma alteração do comportamento identificado nos primeiros meses de comercialização da safra 2019/20 (março a junho) da balança comercial, com a expectativa de queda das cotações internacionais em razão da colheita da safra de verão no sudeste asiático e com o quadro ajustado de oferta e demanda nacional.

uma colheita superior em aproximadamente 60 mil toneladas à registrada em 2019. Desse modo, é presumível que ocorra uma menor demanda pelo feijão produzido em outras regiões do país. Assim, a procura deverá se concentrar no feijão-caupi, que está sendo colhido no Mato Grosso, onde os preços estão bem mais atrativos. Tal situação, provavelmente, pressionará as cotações do feijão-carioca..

Quanto às exportações, identifica-se um mercado comprador consolidado, mas sem perspectiva de expansão. Esse fator se dá em razão da redução na área plantada, do elevado preço do produto e do limitado mercado internacional para o feijão-caupi, tipo de grão exportado pelo país.



7.4. MILHO

O quadro de oferta e demanda teve um ajuste no consumo na série histórica, visto que foram realizadas algumas pequenas atualizações no plantel de animais, sobretudo de aves de postura e matrizes de corte, bem como dados de confinamento de bovinos e plantel de suínos.

Além disso, de acordo com o levantamento de açúcar e

etanol da Conab, o volume utilizado para a produção de etanol na safra 2018/19 foi de 4,1 milhões de toneladas e para a safra 2019/20, estima-se um consumo de 6,6 milhões de toneladas de milho.

Na estimativa de perdas na colheita, transporte e transpor-

Tabela 5 - Consumo de milho por segmento - Brasil

ANO	Produção de Milho	Consumo Avicultura	Consumo Suinocultura	Consumo Bovinocultura	Outros animais (7%)	Consumo Industrial	Etanol	DEMANDA SEGMENTOS	Total Perdas/Sementes	Perdas (qualit.)/autoconsumo	DEMANDA Interna
2016	66.531	25.007	10.628	4.910	2.838	6.523	0	49.907	2.753	3.659	56.319
2017	97.843	24.737	10.937	5.025	2.849	7.023	500	51.071	3.918	2.348	57.337
2018	89.207	24.785	10.959	5.140	2.862	8.189	1.500	53.435	3.586	2.141	59.162
2019*	100.043	26.239	11.137	5.321	2.989	8.760	4.116	58.562	3.995	2.401	64.958
2020**	100.559	26.667	11.365	5.423	3.042	8.848	6.633	61.979	4.035	2.413	68.427

Fonte: Conab, IBGE, Sindicatos, ABPA, Abimilho, Abipecs.

Legenda: *Estimativa / **Projeção.

Nota: dados de consumo de outros animais, milho in natura para consumo humano e outros usos industriais, obtidos no Sindicatos e Abimilho.

do foi utilizado um índice de 3,6%, já o uso de sementes acompanhou o montante de área semeada, que vem aumentando ano após ano.

Assim, estima-se um consumo para a safra 2019/20 de 68,4 milhões de toneladas, bem mais impulsionado pelo etanol de milho e pelo incremento nas exportações de carnes.

As exportações de milho têm uma tendência de alta devido à paridade de exportação que nos portos se aproxima dos R\$ 50 por saca de 60 quilos, a maior já registrada.

Porém, os embarques ainda estão aquém do registrado no mesmo período do ano passado, chegando de fevereiro a início de julho em 1,5 milhão de toneladas, contra 5 milhões de toneladas do ano anterior.

Os line ups já apontam volumes próximos a 5 milhões para julho. Para se atingir a estimativa de 34,5 milhões para este ano-safra, o Brasil deve exportar uma média mensal de 5,5 milhões de toneladas até janeiro de 2021. Por essa razão, mantém-se a estimativa.

Neste cenário, os estoques finais estão estimados em 8,7 milhões de toneladas, correspondendo a uma relação estoque/consumo de 8,5% ou 31 dias de uso, basicamente um mês de consumo.

Entretanto, vale salientar que o consumo citado para relação é o consumo total, ou seja, doméstico mais a exportação, a qual costuma não ser muito elevada em fevereiro.

De qualquer maneira, no contexto atual, a oferta e demanda de milho para a safra 2020/21 tende a ser bem ajustada.

7.5. SOJA

Os preços (spot) internacionais de junho de 2020, na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT), subiram 25,78 pontos (3,06%), passando da média de UScents 867,16/bu em maio de 2020 para UScents 841,38/bu em junho de 2020.

Os preços internacionais estão 4,37% maiores que o mesmo período de 2019, cotados em média ao valor de UScents 830,80/bu.

Os preços internacionais estão mais altos, motivados pelas fortes vendas para exportações americanas da safra 2020/21. Para efeito comparativo, no final de junho de 2019, o acumulado das exportações (venda antecipada) era de 2,47 milhões de toneladas. Para junho de 2020, o

Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) projeta uma venda de 6,93 milhões de toneladas.

Os preços ainda encontram resistência de maiores altas sob o fundamento de altos estoques de passagem americano, pois apesar da forte venda para a safra 2020/21, as vendas para exportações americanas, para a safra 2019/20, ainda está abaixo da expectativa de exportações estimadas pelo Usda.

Outro fato relevante é a projeção para a safra 2020/21, que está acima da estimativa anterior, com o andamento da produção sem problemas climáticos, que poderiam afetar a produtividade esperada.



No mercado nacional, os prêmios de portos de junho de 2020 (Porto de Paranaguá-PR) estão mais altos que os prêmios de junho de 2019 e da média dos últimos 5 anos. Apesar disso, ainda muito abaixo dos valores estimados em junho de 2018.

O dólar teve uma forte queda de 7,28%, entre maio e junho de 2020, e devido a isso, e ainda com os preços internacionais pouco atrativos, a comercialização da safra 2019/20 segue reduzida, com poucos negócios realizados, por outro lado, as vendas antecipadas para a safra 2020/21 no Brasil estão bem aquecidas, demonstrando mais uma vez uma antecipação de vendas para a próxima safra.

Os preços nacionais tiveram uma perda de 0,2%, entre maio e junho de 2020, motivada, principalmente, pela queda do dólar, e só não foi maior porque houve uma pequena compensação das altas por parte dos preços CBOT e dos prêmios de portos.

O preço médio no Brasil, em junho de 2020, foi de R\$ 93,93 a saca de 60 quilos, valor inferior ao cotado em maio de 2020, de R\$ 94,11 a saca de 60 quilos, e mais de 36,6% superior ao cotado em junho de 2019, no valor de R\$ 68,76, onde a média do dólar era de R\$ 3,85.

Para julho de 2020 a tendência é que:

1-Os preços CBOT deverão se manter nos mesmos patamares de junho de 2020, com uma leve tendência de alta, motivada pelas vendas para exportações americanas, para a safra 2020/21, mas ainda sob influência baixista do clima favorável para a safra atual;

7.6. TRIGO

Em junho de 2020, as atenções no mercado interno se encontravam voltadas para a evolução dos trabalhos de semeadura nas principais regiões produtoras do país, que ao final do mês atingiram 80,2% de toda a área a ser plantada.

Agentes de mercado se encontravam atentos também à cotação cambial devido à dependência de importação de trigo. Com o avanço no plantio, o otimismo com a nova safra e a baixa liquidez na comercialização, a cotação no Paraná apresentou desvalorização de 4,3%, sendo a média mensal do trigo pão cotada a R\$ 58,63 a saca no Paraná. Já no Rio Grande do Sul, a média mensal foi de R\$ 53,82 a saca, valorização de 1,8%.

A cotação FOB Golfo apresentou desvalorização pelo quinto mês consecutivo, em resposta à ampla oferta mundial, à menor demanda pelo trigo norte-americano, à evolução dos trabalhos de colheita nos Estados Unidos, à expectativa de maior safra na Austrália e de aumento das exportações russas. A média mensal foi de US\$

2-Os prêmios de porto devem continuar acima dos preços de 2019 e da média dos últimos 5 anos;

3-Os preços internos devem continuar aquecidos motivados por esses fundamentos e alta do dólar.

A estimativa das exportações brasileiras de soja em grãos continua muito aquecida motivada pelos fortes volumes de comercialização antecipada da safra 2019/20 e dólar elevado.

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), as exportações em junho de 2020 fecharam em 13,75 milhões de toneladas, esse número é 61% maior que o exportado em junho de 2019, que foram estimadas em 8,55 milhões de toneladas. No acumulado, o Brasil exportou, até o momento, aproximadamente 61,87 milhões de toneladas de soja em grãos, enquanto que no mesmo período de 2019 esse valor era de 43,72 milhões de toneladas.

As exportações deverão continuar fortes nos próximos meses, e para julho é esperada (line-up) uma exportação de mais de 7 milhões de toneladas, totalizando um número superior a 80 milhões de toneladas.

É esperado um consumo interno total (esmagamento e outros usos) de aproximadamente 46 milhões de toneladas.

210,17 a tonelada, apresentando desvalorização de 2,5%.

Para suprir a demanda interna, em junho de 2020, foram importadas 434,1 mil toneladas, sendo 79,6% de origem argentina, 13,8% de trigo dos Estados Unidos, 4% de trigo do Uruguai e 2,5% de trigo proveniente do Paraguai. Praticamente não houve exportações no mesmo período.

Com a proximidade do final da safra 2019/20, a Conab revisou os números relativos ao quadro de oferta e demanda, no que se refere ao volume importado, que passa de 7,2 milhões de toneladas para 7 milhões de toneladas, bem como o volume a ser exportado, de 400 mil toneladas para 350 mil toneladas. Com essas alterações, o estoque de passagem passa a ser de 100,6 mil toneladas, o mais baixo da série dos últimos anos.

Já na safra 2020/21 foram ajustados os volumes de produção, que passou da previsão de 5.690 mil toneladas para 6.315 mil toneladas previstos, devido, principalmente, à expectativa de aumento de produção do Paraná



(+40,7%), o maior estado produtor. Outro ajuste realizado na safra vindoura foi o de uso para sementes, de 326,7 mil toneladas para 347,9 mil toneladas, devido à perspectiva de aumento da estimativa de área a ser plantada.

Tabela 6 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

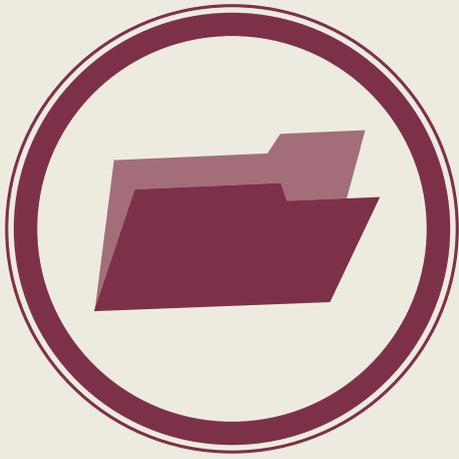
PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
Algodão em pluma	2013/14	445,5	1.734,0	31,5	2.211,0	810,0	748,6	652,4
	2014/15	652,4	1.562,8	2,0	2.217,2	670,0	834,3	712,9
	2015/16	712,9	1.289,2	27,0	2.029,1	640,0	804,0	585,1
	2016/17	585,1	1.529,5	33,6	2.148,2	685,0	834,1	629,1
	2017/18	629,1	2.005,8	30,0	2.664,9	670,0	974,0	1.020,9
	2018/19	1.020,9	2.778,8	1,7	3.801,4	700,0	1.669,5	1.431,9
	2019/20	Jun/20	1.431,9	2.886,0	1,0	4.318,9	640,0	1.700,0
	Jul/20	1.431,9	2.891,2	1,0	4.324,1	640,0	1.700,0	1.984,1
Arroz em casca	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
	2017/18	711,6	12.064,2	845,2	13.621,0	11.239,0	1.710,2	671,8
	2018/19	671,8	10.483,6	1.037,7	12.193,1	10.278,1	1.360,9	554,1
	2019/20	Jun/20	512,3	11.126,1	1.100,0	12.738,4	10.800,0	1.500,0
	Jul/20	554,1	11.168,2	1.100,0	12.822,3	10.800,0	1.500,0	522,3
Feijão	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
	2017/18	302,6	3.116,1	81,1	3.499,8	3.050,0	162,4	287,4
	2018/19	287,4	3.017,7	149,6	3.454,7	3.050,0	164,0	240,7
	2019/20	Jun/20	240,7	3.073,9	100,0	3.414,6	3.050,0	160,0
	Jul/20	240,7	3.156,1	100,0	3.496,8	3.050,0	160,0	286,8
Milho	2013/14	5.720,8	80.051,7	789,2	86.561,7	53.520,8	20.882,8	12.158,1
	2014/15	12.158,1	84.672,4	315,4	97.145,9	56.483,3	30.131,3	10.531,3
	2015/16	10.531,3	66.530,6	3.336,2	80.398,1	56.319,1	18.847,3	5.231,7
	2016/17	5.231,7	97.842,8	952,5	104.027,0	57.337,3	30.813,1	15.876,6
	2017/18	15.876,6	80.709,5	900,7	97.486,8	59.162,0	23.742,2	14.582,6
	2018/19	14.582,6	100.042,7	1.596,4	116.221,7	64.957,8	41.074,0	10.189,9
	2019/20	Jun/20	11.026,5	100.992,9	900,0	112.919,4	68.523,0	34.500,0
	Jul/20	10.189,9	100.559,5	900,0	111.649,4	68.427,5	34.500,0	8.721,9
Trigo	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	11.517,7	576,8	2.530,1
	2017	2.530,1	4.262,1	6.387,0	13.179,2	11.287,4	206,2	1.685,6
	2018	1.685,6	5.427,6	6.753,1	13.866,3	12.481,4	582,9	802,0
	2019	802,0	5.154,7	7.000,0	12.956,7	12.506,1	350,0	100,6
	2020	Jun/20	250,6	5.690,4	7.300,0	13.241,0	12.526,7	300,0
	Jul/20	100,6	6.315,9	7.300,0	13.716,5	12.547,9	300,0	868,6

Fonte: Secex, importação e exportação até a safra 2019/20; Conab, demais dados.

Notas: Estimativa em julho/2020

Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.



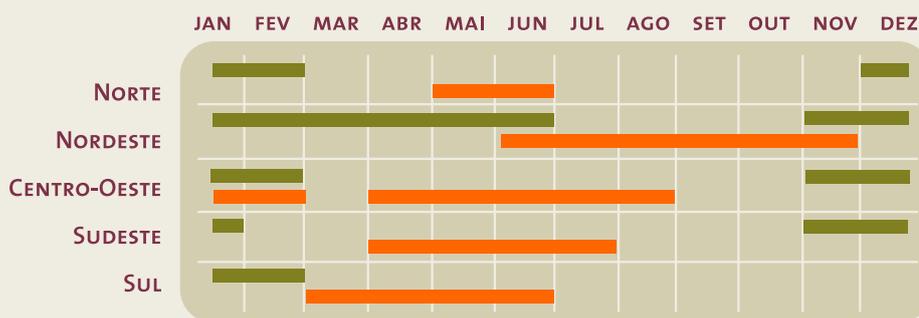


8. CALENDÁRIO AGRÍCOLA DE PLANTIO E COLHEITA

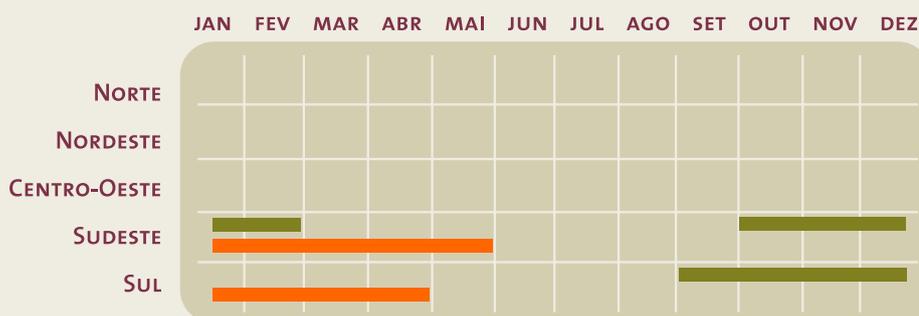
Plantio Colheita



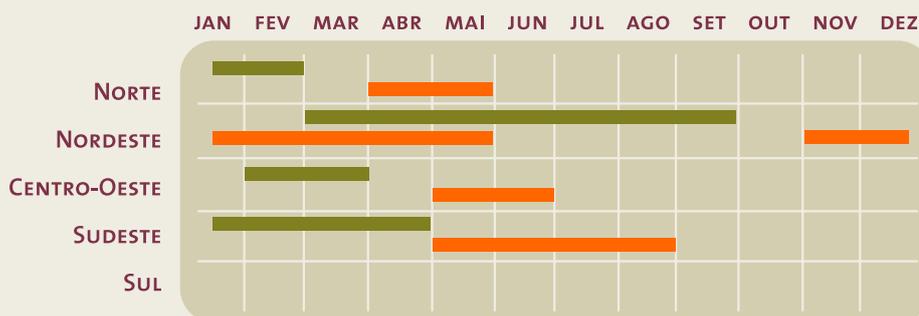
Algodão



Amendoim 1ª safra



Amendoim 2ª safra



Arroz

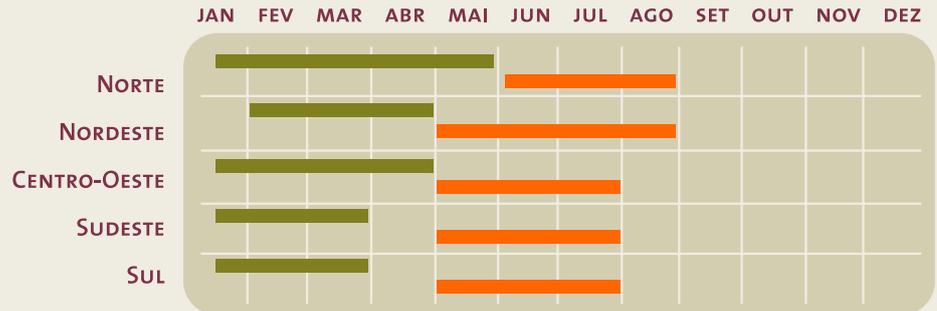


Feijão 1ª safra

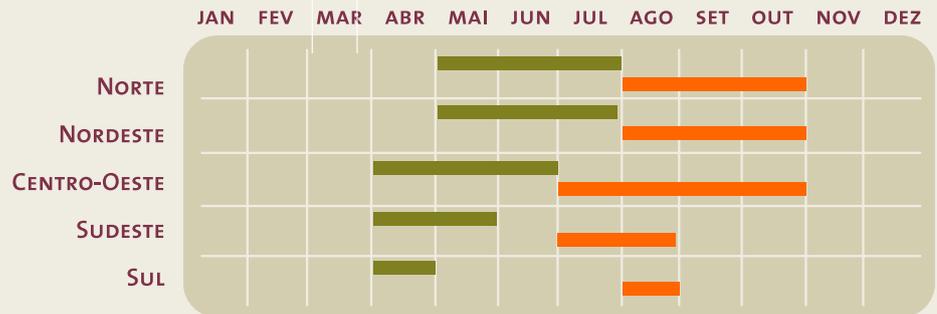




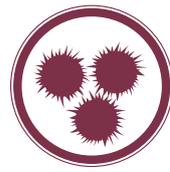
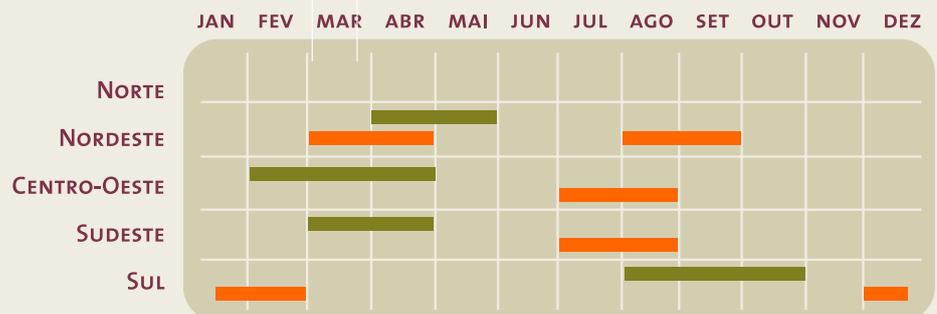
Feijão 2ª safra



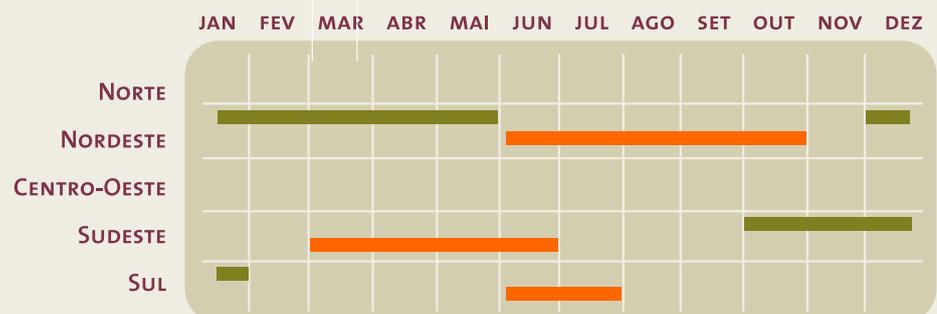
Feijão 3ª safra



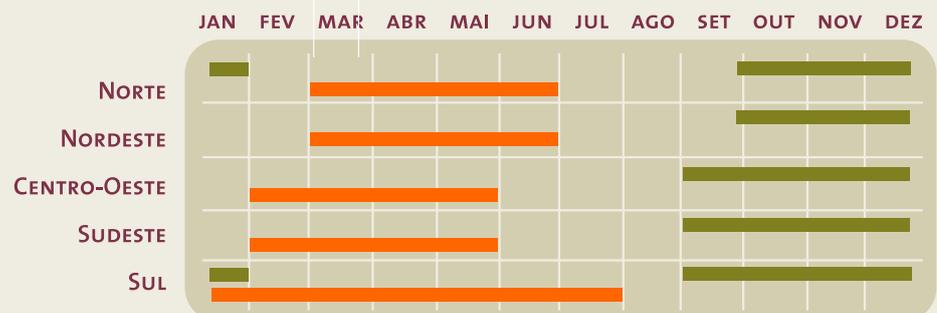
Girassol



Mamona



Milho 1ª safra





Milho 2ª safra



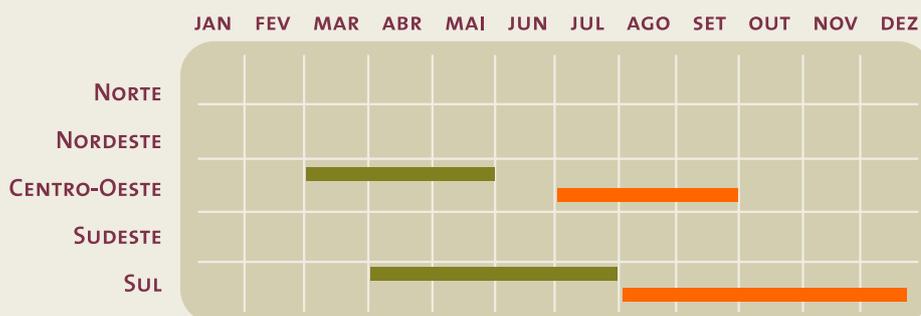
Soja



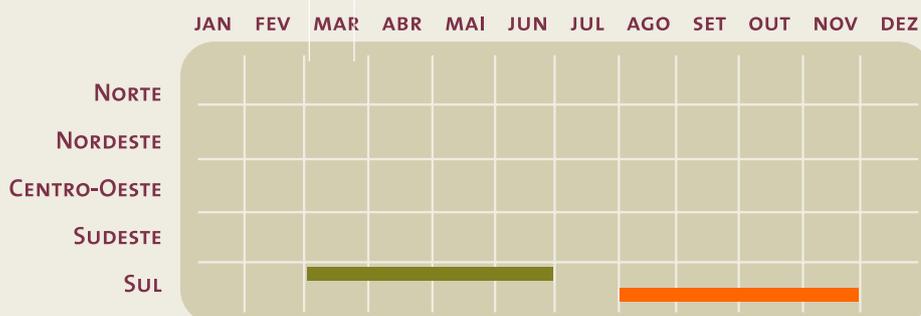
Sorgo



Aveia

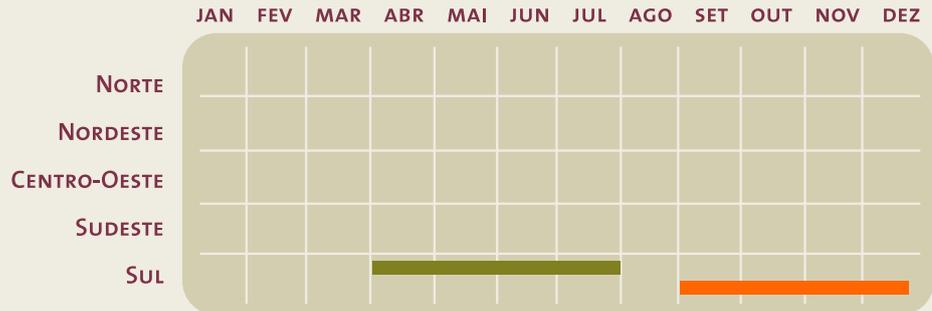


Canola

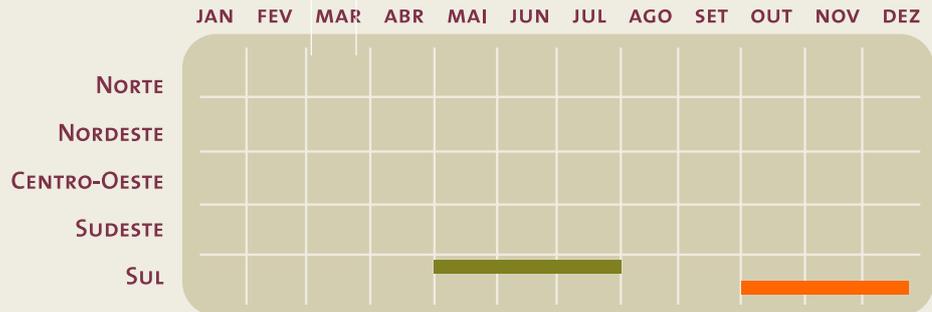




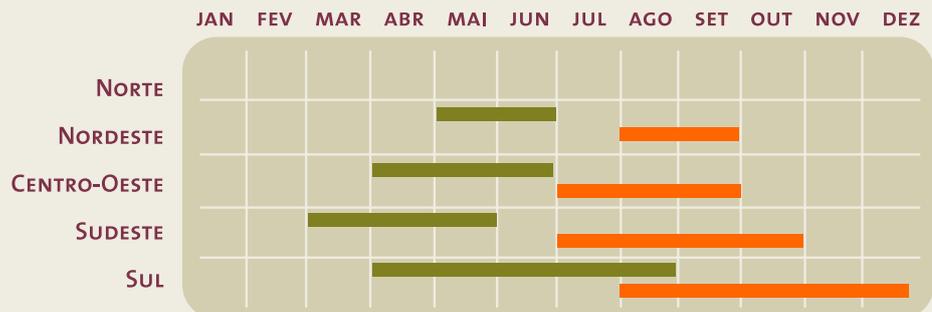
Centeio



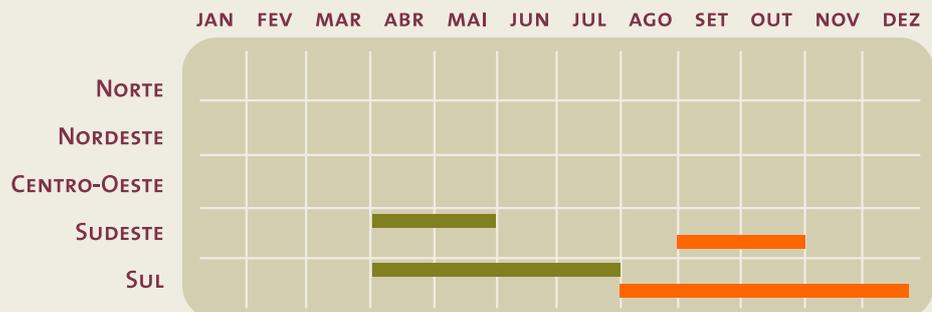
Cevada



Trigo



Triticale





Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

